Páginas Abertas

PAULUS

ANO 42 • nº 69 • 2017

A RELAÇÃO ENTRE a família e a escola NA EDUCAÇÃO

Tecnologia

Ferramentas digitais em sala de aula
Como o uso dessas ferramentas torna-se cada vez mais desafiador para professores e alunos

Social

Os quatro pilares essenciais da educação em casa Celso Antunes explica como devem ser ensinados no lar

Ninguém nasceu para ser um **joão-ninguém** ou uma **maria-vai-com-as-outras**. Ninguém mesmo.

24 páginas

JOÃO, MARIA E O CAMINHO

Jonas Ribeiro

João-ninguém tem dificuldade para fazer suas próprias escolhas e vive de agir como os outros querem, mesmo quando isso o deixa chateado. Sua vida é transformada ao encontrar Maria-caminho, que ensinará a ele uma lição valiosa: todo mundo nasceu para encontrar e seguir o próprio caminho.

paulus.com.br
11 3789-4000 | 0800-164011
vendas@paulus.com.br

PAULUS

Sumário

CAPA

16 **A relação entre a família e a escola na educação**
Caminhando rumo aos desafios do ensino, a especialista em educação Tatiana Djrdjrjan analisa o papel da família e da escola na educação. Seguindo por essa linha, professores apontam os resultados da ausência de diálogo entre escola e família. Acompanhe também o relato da pedagoga Leila Freitas sobre o processo de aprendizagem.

06 **Entrevista**
As relações entre mídia e religião
Abordamos o tema da crescente relação entre mídia e religião nos mais variados espaços midiáticos. O autor do livro *Mídia, religião e sociedade*, Prof. Dr. Luís Mauro Sá Martino, explica o fenômeno e fala sobre como as pessoas reagem à presença da religião nos meios de comunicação.

14 **Tecnologia**
Ferramentas digitais em sala de aula
A professora Fernanda Iarossi reflete sobre os desafios das ferramentas digitais para professores e alunos em sala de aula.

22 **Cultura**
Uma visita ao Parque Ibirapuera
Conheça as origens e principais atividades de um dos primeiros parques da cidade São Paulo: o Parque Ibirapuera.

28 **Social**
Comprometidos com a paz!
O diretor do Colégio Marista Glória e mestre em Ciências da Religião Ascânio João Sedrez fala do diálogo sobre as diversas religiões nas escolas.

30 **Saúde**
O impacto da natureza na saúde mental
Qual a importância do verde na vida das pessoas? Como a natureza pode colaborar para a saúde mental?

34 **Didática**
Os quatro pilares da educação em casa
O especialista em educação Celso Antunes nos ensina sobre as quatro colunas essenciais para uma educação de qualidade.

10 **Sala de Aula**
Projeto Fazer: articulando teoria com prática, por Maria Inês Gonçalves, Catia Rodrigues, Débora Cristina, Maria Aparecida e Adriana Escanho.

21 **Literatura**
Infância vaga-lume, por Antonio Iraildo Alves de Brito

24 **Li, Gostei e Recomendo**
O universo filosófico de Hans Jonas, por Carlos Jacinto Motta

32 **Páginas Abertas Indica**
Comunicação, filosofia, educação e literatura infantojuvenil estão entre os principais destaques das dicas de leitura.

37 **Reflexão**
Alimentação saudável = mais qualidade de vida, por Alexandre Carvalho

38 **Crônica**
Crônica de saudades, por Douglas Tufano

Encarte

Especial Formação de Professor
O suplemento traz o livro *Chef Brasil – Saboreando histórias*, escrito por Dílvia Ludvichak. A obra conta, de forma divertida e poética, a história dos alimentos e da relação do homem com a comida, desde os tempos remotos. O enredo valoriza a história e resgata os elementos da culinária brasileira. O projeto também é um incentivo para uma alimentação saudável e diversificada.

Páginas Abertas

Ano 42 – nº 69 – 2017
Janeiro - Fevereiro - Março
ISSN 1414-4638

Diretor editorial
Claudiano Avelino dos Santos

Diretor de Difusão
Mario Nahuelpán López

Jornalista responsável
José Dias Goulart MTB 20.698

Conselho editorial
Alexandre Carvalho; Antonio Iraildo Alves de Brito; Dílvia Ludvichak; Erivaldo Dantas e Marcelo Balbino

Direção de Arte
Samuel Lima

Diagramação
Rafael Luzio e Thiago Vieira

Reportagem
Cleane Santos e Marcelo Balbino

Edição de Texto
Marcelo Balbino

Revisão
Isabela Talarico

Colaboradores
Alexandre Carvalho, Antonio Iraildo; Celso Antunes; Douglas Tufano; Maria Inês Gonçalves; Catia Rodrigues Gonçalves; Debora Cristina Massetto; Maria Aparecida Perussi; Adriana Escanho de Oliveira; Fernanda Iarossi; Leila Freitas de Lucena; Carlos Jacinto Motta; Ascanio João Sedrez; Dr. Sergio Tamai

Redação
Rua Francisco Cruz, 229 – 04117-091
São Paulo – Tel.: 11 5087-3742
FAX: 11 5579-3627
paginasabertas@paulus.com.br

Atendimento ao Leitor
Tel.: (11) 3789-4000
assinaturas@paulus.com.br
A revista PÁGINAS ABERTAS é uma publicação da Pia Sociedade de São Paulo. Nenhum material dessa publicação pode ser reproduzido sem prévia autorização. Essas proibições aplicam-se também às características gráficas desta obra e sua editoração.
Entre em contato conosco caso queira citar algum artigo.

A assinatura da revista PÁGINAS ABERTAS é gratuita. Para mais informações, ligue: (11) 3789-4000

Os artigos assinados são de exclusiva responsabilidade de seus autores, não representando necessariamente a posição da revista.

paulus.com.br

PAULUS

Ano novo... hora de recomeçar

Mais um ano se inicia. Com ele, nasce a oportunidade de, mais uma vez, prepararmos o terreno para plantar as sementes. A sensação que brota é de um novo amanhecer, um começo para grandes feitos, novos ensinamentos, aprendizados, projetos, sonhos e realizações. A vida nos convida para reescrever a história e, com a educação, perseverar rumo a novas conquistas.

Agradecemos a todos os parceiros e amigos que colaboraram e colaboram para a realização deste trabalho tão significativo para os nossos leitores: Alexandre Carvalho, Antonio Iraildo, Douglas Tufano, Celso Antunes, os profissionais de design, revisão, impressão, departamentos de Divulgação e Marketing e todos os que acreditam na educação.

Nestes primeiros meses, destacamos na matéria de capa um tema que abraça as famílias, alunos e professores. Voltamos o olhar para a importância do diálogo entre família e escola no desenvolvimento dos alunos. A ideia nasce dos desafios diários enfrentados no campo da educação; identificando os envolvidos, acreditamos ser possível refazer o caminho.

Para a nossa primeira entrevista do ano, convidamos o professor e especialista em Ciências Sociais Luís Mauro Sá Martino, autor do livro *Mídia, religião e sociedade* e de outras publicações da consagrada coleção Comunicação, publicada pela PAULUS Editora. Ele explica a crescente relação entre mídia e religião na sociedade contemporânea e nos mais variados espaços midiáticos.

Aproveitando o ensejo e o empenho em defesa do meio ambiente, a coluna de Saúde fala da importância da natureza para a saúde mental. Na dica de Cultura, conheça as particularidades do irreverente Parque Ibirapuera, o coração verde de São Paulo.

Na seção de Tecnologia, a professora Fernanda Iarossi reflete sobre os desafios do uso das novas ferramentas digitais em sala de aula. Nesta edição, levantamos ainda uma questão polêmica: como lidar com tema da religião no ambiente escolar? E, na coluna de Didática, você vai aprender com o especialista em educação Celso Antunes quais são os quatro pilares essenciais para a educação em casa e para a vida.

Desejamos a todos um abençoado 2017, repleto de conquistas e realizações.

Uma ótima leitura e até breve!

Equipe Páginas Abertas

AS RELAÇÕES ENTRE MÍDIA E RELIGIÃO

Autor do livro *Mídia, religião e sociedade – Das palavras às redes digitais*, publicado pela PAULUS Editora, Luís Mauro Sá Martino explica a crescente relação entre mídia e religião na sociedade contemporânea e de que forma as pessoas reagem à presença da religião nos mais variados espaços midiáticos. Graduado em Jornalismo, mestre e doutor em Ciências Sociais, com pós-doutorado na mesma área, o professor da Faculdade Cásper Líbero (SP) também nos ajuda a compreender de que maneira esse fenômeno interfere não apenas na vida das pessoas vinculadas a uma religião, mas, sobretudo, na sociedade como um todo.

Divulgação

Qual a sua formação e principais atividades hoje?

Sou formado em Jornalismo pela Faculdade Cásper Líbero (1998), com mestrado (2001) e doutorado (2004) em Ciências Sociais pela PUC-SP e pós-doutorado pela Universidade de East Anglia, na Inglaterra (2008). Atualmente sou professor do Mestrado em Comunicação e do curso de Jornalismo da Faculdade Cásper Líbero, e leciono no curso de Música da Faculdade Cantareira.

Na sua visão, como se relacionam mídia e religião?

É uma relação de mão dupla: mídia e religião estão em uma articulação constante, mediada por outros fatores – como a economia, a política e a cultura, por exemplo. Nessa articulação, existem diversos tipos de aproximações e distanciamentos, desde igrejas e denominações que recusam qualquer contato com a mídia até aquelas que, de certa maneira, já nasceram dentro do ambiente midiático.

De que forma nossa sociedade se relaciona com essas vertentes? Como ela observa a presença da religião na mídia?

As respostas da sociedade são variadas. Há desde um amplo engajamento nos ambientes digitais, como acontecia, décadas atrás, com a televisão, até posicionamentos mais críticos, com muitos matizes intermediários.

Afinal, o que é o fenômeno religioso?

Nas Ciências Sociais, várias autoras e autores buscaram uma resposta para isso, mas até agora ninguém conseguiu uma plenamente satisfatória. Em linhas gerais, tal como conhecemos no ocidente (e é muito importante destacar esse recorte), o fenômeno religioso é uma maneira de agir em comunidade, orientado por algo "transcendente".

As ciências sociais sempre buscaram entender a religião como um fenômeno social. Por quê? Qual a finalidade?

Para as Ciências Sociais, a existência ou não dos fenômenos religiosos em si não é o foco. Interessa como as pessoas que acreditam nesta ou naquela religião agem umas com as outras – ou seja, como a religião interfere na vida em sociedade.

Como pode ser definida a religião? E qual sua relação com outros aspectos da sociedade?

Em geral, pensando em termos de "práticas religiosas", essa relação varia conforme a época e o lugar. Em países como os Estados Unidos essa influência é alta, enquanto em outros, como França e Inglaterra, é menor.

A questão da relação entre mídia e religião também é vista como um assunto para o campo da educação? O professor acaba abordando o assunto em sala de aula?

Há essa possibilidade, sem dúvida. Penso que a postura, na escola, é pensar sobre o assunto, de maneira crítica e respeitosa ao mesmo tempo.

Diante da presença da religião na mídia, qual é o papel da escola?

Mostrar, de maneira aberta e plural, a riqueza e diversidade religiosa das sociedades. E, mais importante, a ideia de que podemos viver juntos.

Assim como os veículos de comunicação, a escola pode ajudar a conscientizar as pessoas no âmbito religioso?

Certamente! Sobretudo cultivando o respeito às posições e crenças dos outros. Podemos encontrar pontos em comum que nos permitam viver juntos, conhecendo e respeitando as diferenças.

Como as religiões utilizam os meios de comunicação a seu favor?

De inúmeras maneiras, seja para divulgar suas ideias para novos públicos, seja para reforçar o vínculo com os fiéis. Não existe um padrão: cada denominação religiosa, de acordo com suas doutrinas, utiliza a mídia de uma maneira diferente.

De que forma os movimentos religiosos se apresentam no espaço público?

Em geral, na sociedade contemporânea, na forma de movimentos mais ou menos organizados, seja em pequenas comunidades, seja em grandes grupos, denominações e igrejas.

A religião, muitas vezes, é vivida em público. Isso se torna um tema para a comunicação?

Sem dúvida. A articulação entre mídia e religião vem atuando, entre outras coisas, para colocar a religião no espaço público de uma maneira que ela nunca esteve. A integração com o ambiente da mídia, para as religiões, é uma trilha para chegar ao espaço público.

Qual é o objetivo da obra *Mídia, religião e sociedade*?

Apresentar um panorama dessas relações entre mídia e religião, mostrando que existem várias maneiras de abordar essa temática. Ao falar de "mídia" estamos nos referindo ao "ambiente midiático" no qual vivemos. O argumento do livro é que as mídias nos dão a chance de conhecer as crenças e ideias dos outros. E, a partir disso, podemos viver juntos.

De que forma o professor pode usar a obra no ensino?

Destacando as várias abordagens para o estudo da mídia e da religião e, mais ainda, mostrando como é possível conhecer e respeitar todos eles. Já mencionei isto, mas é um dos pontos de chegada do livro: podemos viver juntos.

Como o professor observa a questão do pluralismo religioso? Essa prática estaria relacionada à influência midiática?

Não existe uma relação de causa e efeito entre pluralismo e uso da mídia. No entanto, a visibilidade que o uso da mídia deu a alguns grupos religiosos parece ter modificado, ainda que parcialmente, o "mapa" público da religião. Mas é difícil fazer alguma afirmação mais ampla.

A partir do início do século XX, o rádio passou a ser utilizado como instrumento de divulgação religiosa. Como os programas religiosos começaram a surgir?

A história das relações entre mídia e religião renderia outro livro (risos). Basicamente, desde a pré-história, rituais religiosos podem ser entendidos como uma forma de "mídia" para a comunicação com as "divindades". Ao longo dos séculos, as religiões e igrejas utilizaram as mídias disponíveis para levar suas mensagens – a voz, depois a escrita, imprensa, rádio, cinema, TV e internet, nessa ordem.

"Podemos definir a midiatização da religião como a articulação entre as práticas religiosas e o ambiente midiático. "

As mídias digitais e a internet também se apresentam como meios para a manifestação religiosa? Esses meios, atualmente, estão conquistando espaço, assim como a TV?

Penso que hoje em dia não é possível falar em "mídias" em termos de "instrumentos" como a TV, o rádio ou o computador, mas muito mais em um "ambiente midiático" que se espalha em muitas direções. E, sem dúvida, o fenômeno religioso é forte nesse ambiente.

De forma geral, como podemos compreender a midiatização da religião?

Em termos simples, podemos definir a midiatização da religião como a articulação entre as práticas religiosas e o ambiente midiático. Ou seja, como os vínculos religiosos são vividos em uma sociedade altamente conectada.

Em sua opinião, qual o futuro desse grande fenômeno?

Se a História nos mostra alguma coisa, é que as religiões se articulam com o ambiente midiático de sua época para trabalhar sua mensagem junto ao público. Talvez isso continue.

Quais são seus objetivos com relação aos estudos voltados para a mídia e religião?

Compreender um pouco mais, na medida das minhas limitações, como essa relação acontece. Assim como, digamos, as relações entre mídia e política, ou mídia e esporte, ajudam a entender outros aspectos da sociedade, a pesquisa em mídia e religião mostra uma parte muito interessante da vida social. E, claro, toda pesquisa nos mostra algo novo sobre nós mesmos – buscar o conhecimento, talvez mais do que encontrá-lo, é a aventura que nos tira do lugar.

Por Maria Inês Gonçalves de Oliveira Bancatelli, Catia Rodrigues Gonçalves Queijo, Débora Cristina Massetto, Maria Aparecida Perussi Martins e Adriana Escanho de Oliveira*

PROJETO FAZER:
articulando teoria com prática

Com o objetivo permanente de formar pedagogos capazes de atuar em sala de aula com competência profissional e ética para o alcance dos objetivos de ensino e sucesso da aprendizagem, decidimos elaborar e implementar o Projeto Fazer: articulando teoria com prática, por meio de um trabalho interdisciplinar e transversal, que inicialmente envolve as disciplinas de Prática de Ensino e, depois, conta com a adesão de outras.

O foco central consistiu em ressignificar a teoria na prática, de modo a considerar o estudante do curso de Pedagogia protagonista de sua aprendizagem, capacitando-o com habilidades e competências para a atuação docente na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, com o propósito de atender aos objetivos desses níveis de ensino, levando seus futuros alunos a alcançá-los com sucesso.

O projeto foi desenvolvido por meio de duas oficinas realizadas na Faculdade de São Bernardo do Campo (FASB), configurando-se como um momento formativo que envolveu literatura, artes, criatividade e processos reflexivos sobre valores basilares para a atuação do futuro professor.

O momento de acolhida e de iniciação do projeto envolveu o encontro dos alunos com a professora Meire Bernadete Cunha, que, na palestra "A importância da leitura e o prazer de ler", encantou a todos com o seu relato de vivências bem-sucedidas com estudantes da Educação Básica.

Já a primeira oficina teve como base das ações o livro *Foi assim que me contaram* (PAULUS Editora), com a presença do autor e ilustrador Adalberto Cornavaca, que compartilhou suas experiências profissionais relacionando-as à história de seu livro e à temática em foco.

Foi assim que me contaram

Construída com linguagem visual, a narrativa, por meio de suas ilustrações, mostra como a verdade pode ser distorcida. Tudo começa quando um garoto vê uma mulher de aparência diferente, andando com o seu cachorro e seu pássaro. Logo ele vai contar o que viu, descrevendo a mulher, mas aumentando um ponto. Quem o ouvia inventava um pouco mais, assim como os demais que iam ouvindo, até chegar ao final da história.

O contato com o autor também possibilitou aos participantes compreender o processo criativo de autoria que envolve os textos literários.

A leitura das imagens do livro oportunizou um debate aprofundado sobre os comportamentos das pessoas em sociedade e o trabalho do professor para a formação de condutas e de valores no convívio social.

No segundo momento da oficina, os licenciandos puderam interpretar as imagens, bem como criar, inventar e contar histórias, sob a construção de unidades de significação.

Construída com linguagem visual, a narrativa, por meio de suas ilustrações, mostra como a verdade pode ser distorcida. Tudo começa quando um garoto vê uma mulher de aparência diferente, andando com o seu cachorro e seu pássaro. Logo ele vai contar o que viu, descrevendo a mulher, mas aumentando um ponto. Quem o ouvia inventava um pouco mais, assim como os demais que iam ouvindo, até chegar ao final da história.Os significados construídos foram expressos na confecção coletiva de bonecos de pano, que se configuraram como transmissores de mensagens destinadas aos colegas da instituição de ensino e que compuseram um painel, como mostra a imagem a seguir.

O Projeto Fazer: articulando teoria com prática teve como continuidade uma segunda oficina, também direcionada às discussões sobre o papel do futuro pedagogo e de seus valores frente a uma sociedade da informação e do conhecimento.

Nesta etapa, focalizou-se problematizar, junto aos estudantes, o trabalho docente compreendido a partir do seu propósito principal de desenvolvimento humano.

As reflexões foram subsidiadas pelo trabalho interpretativo com base no livro *Maricota ri e chora* (Paulus Editora), de Mariza Lima Gonçalves. A autora, ao contar sobre sua trajetória docente e experiências significativas com a escrita e a leitura, incentivou os estudantes a pensar sobre os processos que envolvem o aprender e o ensinar, compreendendo-os como práticas emocionais.

Maricota ri e chora

As ilustrações do livro são composições digitais com retalhos de tecido, o que imprime uma base "artesanal" para a personagem que se repete página a página. As cores foram escolhidas de modo que houvesse associação ao comportamento e aos sentimentos da personagem e, por isso, a cor da pele e do cabelo sempre variam e acompanham o texto e a composição.

Como parte das atividades teórico-práticas subsidiadas pelos debates envolvendo estudantes, professores e a autora, organizaram-se pequenos grupos para a confecção com retalhos de tecido de tapetes de diferentes tamanhos, que foram chamados de "Tapetes das Virtudes".

Cada grupo representou no tapete confeccionado uma virtude. Os tapetes foram expostos de modo a comunicar e envolver no processo reflexivo sobre ética os estudantes dos outros cursos da faculdade.

As atividades envolvendo leitura, criatividade, trabalhos artesanais e reflexão tornaram-se muito importantes para a formação dos futuros professores, pois, além de confeccionarem os bonecos e os tapetes de forma colaborativa, também puderam, por meio dos debates, revisar suas teorias, crenças e concepções e construir novos significados sobre a prática docente.

Iniciativas como essa vão ao encontro de um modelo de formação e atuação profissional entendido como processo contínuo, em que os professores aprendem junto com seus pares e em que a função docente se constrói a partir das relações entre teoria, cultura e a reflexão sobre a prática.

O processo de formação de professores é composto por momentos em que o estudante, social e historicamente situado, percebe e interpreta elementos da cultura de forma a compreender e formular conceitos, e também dominar procedimentos próprios ao campo da ação pedagógica.

Por fim, verifica-se que o trabalho de ressignificação da teoria a partir da prática, por meio de ações colaborativas e com diferentes linguagens, possibilita ao futuro professor compreender o seu papel profissional em um novo modelo de escola e de sociedade.

Como espaço de formação pessoal, profissional e acadêmico, o corpo docente da FASB segue investindo em uma formação sólida, aprofundada e ética, embasada pelo resgate de valores basilares para a atuação docente.

Espera-se que as iniciativas aqui apresentadas inspirem práticas pedagógicas e momentos formativos fundamentados, pautados na articulação de conhecimentos teóricos e práticos, visando à aprendizagem dos estudantes e a uma educação de qualidade.

* Alunas do curso de Pedagogia da Universidade São Bernardo (FASB).

32 págs.

Quem conta um conto,
aumenta um ponto!

Foi assim que me contaram
Adalberto Cornavaca

Neste belo livro de imagens, Adalberto Cornavaca conta aos pequenos leitores o que pode acontecer quando se inventam mentiras para que uma história fique mais interessante.

A vida é cheia de segredos que podem ser descobertos!

32 págs.

Maricota ri e chora
Mariza Lima Gonçalves

Maricota é assim: menina pequena, atenta, esmirrada. Pensa que é fada. Maricota quer entender os segredos da vida.

PAULUS,
dá gosto de ler!

paulus.com.br
11 3789-4000 | 0800-164011
vendas@paulus.com.br

PAULUS

FERRAMENTAS DIGITAIS em sala de aula

Refletir sobre os usos dessas ferramentas torna-se cada vez mais desafiador para professores – e para os alunos também

Ao ler num portal de notícias de uma grande emissora que "Professor faz 'CSI' em escola e desafia estudantes a resolverem 'crimes'"; "Estudantes montam cenários e solucionam 'homicídios' em Jundiaí"; "Gosto de alunos por séries policiais virou assunto em aula de biologia" e outras manchetes semelhantes, mais que chamar a atenção sobre a forma criativa de pensar o "dar aulas" é imaginar como cada vez mais professor pode (e deve?) procurar alternativas para que estudantes sejam estimulados, incentivados a construir um raciocínio usando ferramentas do dia a dia deles. O que reforça o papel do professor não mais como um conferencista, palestrante. Não adianta se enganar – os alunos, especialmente os das gerações chamadas nativas digitais, que já nascem com a internet como ferramenta básica no dia a dia, são acostumados a estímulos que ajudam a construir o pensamento, mesclando não só as tradicionais referências bibliográficas, disponíveis nas bibliotecas ou livrarias; são alunos acostumados, porque nunca vivenciaram algo diferente, com o "pergunta ao Google" quando têm dúvidas. É algo corriqueiro, natural.

O desafio parece não estar mais na discussão: "Deixar ou não o estudante usar o celular, o tablet em sala de aula? Liberar o uso do *Wi-Fi* durante a aula? Ir para o laboratório de informática ou não?". Agora, ele parece se deslocar para "Como usar esses aparelhos e o acesso à internet (inclusive sem fio) para deixar o processo de ensino-aprendizado mais interessante e estimulante, tanto para professor, quanto para o aluno?".

Mas aí surgem os conflitos, os dilemas. Ponderarei alguns que parecem emergentes, baseados em minha experiência na graduação – devaneios que pairam nas discussões entre colegas professores de diferentes áreas.

1. Professor pode não ser superconectado, não ter familiaridade com uso dos aparelhos ou redes, mídias sociais tão populares.

2. Alunos não estão sendo educados para usar (ou não) tais aparelhos e acessar (ou não) a internet – isso não só pelas escolas, nas casas também (porque muitos pais não discutem e não estabelecem limites sobre o uso dessas mídias para si mesmos).

Sobre o item 1, que puxa o centro da reflexão para a figura do professor: como acompanhar as novidades se nem celular costumo usar tanto? De que forma conhecer o que usam se nem mesmo tenho tempo, paciência e vontade para ficar horas navegando pela internet? Preciso mesmo ser *full time* digital para conseguir? Bem, as respostas não parecem prontas. O que parece pulsar é lembrar primeiramente que o professor pode contar com os alunos (esses, sim, *full time* conectados) como parceiros para avançar no uso das ferramentas digitais ideais, viáveis e pertinentes para eles. Pesquisar o que costumam acessar, com qual objetivo, se isso poderia ajudar em sala de aula, como ajudaria a deixar o aprendizado mais dinâmico são alguns pontos que precisam fazer parte desta abertura do professor – isso abrirá um canal de interação com a classe, reforçando que quem ensina está disposto a "entrar em um mundo" que é

comum, rotineiro para os estudantes. Aí a humildade em admitir que não domina, mas que está aberto para que eles ajudem na construção de formas de aprendizado funciona e aproxima. Um exemplo pessoal: universitários indicaram uma campanha de marca de refrigerante via YouTube como um exemplo de projeto que poderia ser adaptado para a realidade da faculdade. Juntaram essa ideia inspiradora à paixão que tinham por um jogo de videogame. Pronto: duas diretrizes a partir dos alunos. Coube a mim a tarefa de direcionar como eles seguiriam, adaptariam e qual acabamento dariam, sempre aberta a sugestões deles para que a ideia digital realmente se encaixasse nos objetivos da disciplina e ficasse com a cara dos idealizadores (e não apenas mais um trabalho para entregar e valer nota). A ideia saiu da sala de aula, virou página no Facebook e canal no YouTube, ganhou um versão de aplicativo gratuito e resultou num game analógico que envolveu alunos, professores e funcionários da faculdade. Sucesso!

No item 2, que coloca o foco no aluno, ou melhor, na postura do estudante junto aos aparelhos eletrônicos ou diante do acesso (i)limitado à internet, o desafio é lidar com atitudes que parecem transitar entre a falta de bom senso, educação e orientação. Algo muito próximo ao que acontece com toda novidade na vida do ser humano, ainda mais entre os mais jovens: tudo parece ser imperdível. Se tem o celular de última geração, tem que usar, mostrar que tem. Caso saiba jogar, baixar, tem que estar plugado todo momento. Uma necessidade para satisfazer, inicialmente, a curiosidade; na sequência, para fazer parte do grupo etc. E, se não existir algo ou alguém que mostre o(s) limite(s), a maioria não se toca, não aprende. Isso vem de casa, da escola, das relações sociais… Aí que acredito que o papel do professor pode contribuir de alguma forma (mas não é o único!) para alterar este comportamento um tanto sem fronteiras: se dá para incluir o dispositivo nas rotinas, aproveitar as pesquisas via web, pensar no esquema de jogos e adaptá-los para a sala, envolver as redes e mídias sociais digitais nas dinâmicas… por que não incluir os alunos nessa? E não precisa começar do zero, ou ter que estudar a fundo (se conseguir, ainda mais seguro!) games, programação ou outra área do mundo digital – a criatividade em adaptar, trazer para o dia a dia da disciplina é o *start* para aproveitar esta postura *full time* online dos estudantes. Incluí-los na feitura dessa amarração é certeiro. A construção de uma nova rotina de ensino-aprendizado fica mais interessante e produtiva quando realmente o aluno é um dos protagonistas – faz com que ele seja responsável, estimulado a buscar alternativas próximas da realidade virtual que conhece, adaptar para o mundo real e não analógico os questionamentos e apontamentos que o professor levanta.

Os itens 1 e 2 se alimentam, porque exigem do professor admitir que não domina todas as ferramentas que serão usadas, que precisa contar com a busca de mais e mais informações fora, muitas vezes, da relação direta com a disciplina (um jogo baseado em série de TV que dialogue com as aulas de história; um aplicativo que simule uma guerra e que ajude a discutir relações internacionais; um site que possibilite a postagem de vídeos sobre saúde que discutam epidemias recentes; um game que fale de literatura e ajude na redação…), que necessita ser ensinado por aqueles que sabem muito bem como os ambientes digitais funcionam, ou seja, os próprios alunos.

Tem que ligar o radar

A diretora de uma escola na Bélgica, enquanto os filhos jogavam Pokémon Go, teve a ideia de criar um jogo online para que os jogadores buscassem livros (no app da Nintendo, os gamers caçam monstros), usando uma rede social – os jogadores publicam fotos e dicas sobre onde esconderam livros e outros tentam localizá-los, e, ao terminar de ler um livro, os participantes o devolvem à cidade.

Sair da zona de conforto, incluir os alunos (e o que eles mais usam, navegam, jogam, baixam, assistem…) é o primeiro passo para pensar o ensino que aproveita essa leva de estudantes digitais e deixar aulas, provas e trabalhos mais dinâmicos, mais próximos da realidade deles. É um caminho para acompanhar, na imprensa ou nos bate-papos dos corredores acadêmicos, destaques como: "Professora usa Whatsapp para desenvolver capacidade argumentativa dos alunos"; "Alunos do 3º ano, não se esqueçam de trazer o celular para a aula de Sociologia", "App sobre o ENEM é usado em sala de aula"; "TCC vira negócio ao adaptar aplicativo para o setor do agronegócio"…

* Fernanda Iarossi é jornalista, mestre em Comunicação Midiática pela Universidade Estadual Paulista (Unesp), professora nos cursos de graduação (Jornalismo e Publicidade e Propaganda), em Tecnologia em Comunicação (Multimídia) e coordenadora do Processo Seletivo na Faculdade PAULUS de Tecnologia e Comunicação (Fapcom), em São Paulo.

A RELAÇÃO ENTRE a **família** e a **escola** NA EDUCAÇÃO

Para falar do tema, convidamos a pedagoga Leila Freitas de Lucena, a especialista em educação Tatiana Djrdjrjan, a professora Maria Teresinha e o jornalista Marco Lima. Acompanhe também nossas sugestões de projetos no estado do Rio Grande do Sul e na capital de Goiás, Goiânia

Uma pesquisa realizada pelo Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) apontou que o rendimento escolar no ensino médio continua estagnado nas escolas do Brasil desde 2011, com índice 3,7, e não atingiu a meta de 4,3, ficando um nível abaixo do esperado pelo Ministério da Educação (MEC). O mesmo acontece com os anos finais do ensino fundamental 2 (6º ao 9º ano), que também não alcançou a meta de 4,7, atingindo o patamar de 4,5, conforme avaliação nacional realizada pelo governo.

A avaliação feita pelo indicador geral da educação nas redes privada e pública mede a relação entre rendimento escolar, taxas de aprovação, reprovação e abandono, além de desempenho em Português e Matemática. De acordo com o Ministério da Educação, o resultado reforça ainda mais a preocupação para com a educação no país. Especialistas afirmam que para identificar os problemas diversos e, sobretudo, o baixo desempenho dos estudantes, o primeiro passo é intensificar o diálogo entre escola e família no desenvolvimento integral de crianças e jovens.

Para a especialista em Educação da Fundação Itaú Social, Tatiana Djrdjrjan, ao iniciar a vida escolar o aluno traz consigo a bagagem educacional que acumulou ao longo dos seus primeiros anos de vida, tanto em casa como em outros ambientes de seu convívio social. A escola é mais um importante estágio nesse percurso, quando a atuação de profissionais especializados se soma ao contexto familiar.

Tatiana ressalta que, para fazer sentido, a educação precisa ser incorporada à rotina familiar como um valor e vivenciada cotidianamente por meio de ações simples, como conversar com os alunos sobre suas atividades, ajudá-los nas tarefas de casa, arrumar o uniforme e garantir uma rotina de estudo. À escola, por sua vez, cabe assegurar espaços e estratégias de acolhimento das famílias, fazendo com que o diálogo com responsáveis e alunos ocorra com naturalidade.

Segundo Tatiana, pesquisas confirmam os benefícios da interação entre família e escola. Mas a pergunta é: quais fatores dessa intervenção podem contribuir para melhorar o desempenho dos alunos, e de que forma? A especialista citou Susan Sheridan, diretora do Centro de Pesquisa em Criança, Juventude, Família e Escola da Universidade de Nebraska-Lincoln, nos Estados Unidos, que afirma que a atuação conjunta, desde que realizada com coerência e a devida continuidade, amplia a conexão de crianças e jovens com o aprendizado, melhorando o desempenho ao longo do tempo.

A professora Maria Teresinha e o jornalista Marco Lima, do Instituto de Educação Barão de Mauá (SP), destacam que a reprovação de alunos está entre os principais problemas resultantes da falta de diálogo entre escola e família. Segundo eles, a perda de um ano letivo é motivo de temor para os alunos, pais e colégios. Sobre esse assunto, o jornalista Marco Lima conversou com pais e alunos do Instituto Barão de Mauá.

A estudante Giovanna Urbano, de 12 anos, tem uma opinião bem definida sobre o assunto: "Reprovar? Algo certamente injusto. Principalmente no Brasil, onde reprovar em uma matéria significa repetir o ano. Aliás, a consequência de reprovar não é apenas a perda do ano letivo, mas também interfere na vida social do aluno, que pode perder colegas ou se sentir inferior no seu grupo de amigos".

De acordo com Marco Lima, a reprovação desfere um peso quase desumano em cima do estudante. A relação família, aluno e colégio estremece, e dúvidas a respeito da culpa são fomentadas – quando, na verdade, a situação poderia ter sido resolvida com uma sintonia maior entre os envolvidos.

"Para nós, mãe e pai, foi uma dor profunda, afinal, muito nos empenhamos para que o Júnior conseguisse a aprovação. Ele estava saindo de uma depressão que já durava dois anos... e a escola sabia disso. No final, foi reprovado pelo Conselho de Classe. Acho que os professores devem pensar nas famílias e na depressão desses meninos; porque, ao final de tudo, os professores e a escola também foram reprovados", comenta a mãe do estudante Júnior.

No entanto, Marco lembra que o prisma da retenção escolar não pode ser reduzido a essa visão negati-

va de sua efetividade. Em outros casos, a reprovação, como qualquer outra grande adversidade, serve como impulso para retomadas e aprendizados ainda maiores.

"Após receber a notícia de que eu havia sido retido, minha vida pareceu desmoronar. Hoje, no segundo ano do ensino médio, quase não penso mais nisso: reprovar pode ser tanto uma maldição quanto uma bênção, pois eu não teria aprendido metade das coisas que eu sei hoje e não teria amigos em que sei que posso confiar. Caso me perguntassem se me arrependo desse acontecimento, antes eu diria que sim, mas hoje acho que faz parte do que sou", relata o jovem Pedro, de 17 anos, atualmente no 2º ano do ensino médio.

O tema também é delicado para os colégios e os profissionais envolvidos: afinal, altos índices de reprovação colocam em xeque a eficiência e qualidade do serviço oferecido aos estudantes. Para a professora Maria Teresinha, é necessária uma sinergia entre colégio e família, pois o desempenho do aluno está diretamente ligado a esses dois pilares.

"Em nossa prática educacional aqui no Instituto de Educação Barão de Mauá, quando é detectado baixo desempenho, entramos em contato com a família logo no início do ano para informar sobre a situação e, juntos, escola e família vão orientando o aluno para ajudá-lo da melhor forma possível", afirma Valéria Sgrignoli, orientadora educacional do Instituto.

A professora Alice, do Colégio Renovação em São Paulo, também salienta a importância de um diálogo claro entre escola e família: "Os pais devem saber do comportamento geral do filho na escola. Devem se interessar e procurar a coordenação para saber o que o filho anda fazendo. E a escola também deve ser informada sobre os problemas ou desafios que os alunos encaram em casa. Às vezes, problemas como separação, brigas e doenças afetam o desempenho do estudante. A comunicação é imprescindível".

Para entender a complexidade da retenção escolar, é preciso, acima de tudo, entender suas nuances: o fato em si vai além do desempenho ou comprometimento do aluno; é a união de diversos fatores que, quando desalinhados, provocam efeitos negativos tanto para o estudante quanto para a família e a instituição.

A sensibilidade do assunto evidencia-se quando críticas à estrutura educacional aparecem, levantando questionamentos sobre a eficiência de uma metodologia que ainda não se reciclou com o passar das décadas. A coordenadora Isabel Cristina, do Instituto de Educação Barão de Mauá, afirma que uma reciclagem na metodologia é essencial para um melhor desenvolvimento do aluno: "Oriento os educadores a fazer uma constante ressignificação da abordagem metodológica, em todas as áreas de conhecimento, promovendo e possibilitando um novo sentido na prática pedagógica".

> "Os pais devem saber do comportamento geral do filho na escola"

Integração família e escola

Em Goiás, a Escola Municipal Maria Cândida Figueiredo desenvolve o projeto Circuito de Palestras e Minicursos para pais e responsáveis. A metodologia adotada pelo colégio envolve ciclos de palestras e oficinas sobre diversos temas. De acordo com a diretora Rita de Cássia Vargas Silva, o objetivo é incentivar os pais a participar da vida escolar e pessoal dos filhos. Entre as reflexões destacadas nos encontros estão temas como pedofilia, violência contra a mulher, drogas, primeiros socorros, valorização da escola como espaço de aprender, alimentação saudável, higiene, autoestima, meio ambiente e como acompanhar a aprendizagem dos filhos.

Com o projeto, a escola trabalha disciplinas como Língua Portuguesa, Ciências e História. Rita de Cássia destacou os benefícios do projeto: "Percebemos, desde a criação do projeto, em 2014, maior participação dos pais na vida escolar dos filhos, o que consequentemente vai se refletir sobre sua aprendizagem".

O colégio Maria Auxiliadora, em Canoas (RS), também trabalha o envolvimento das famílias na escola com o Projeto Viver Valores. Esse projeto tem como objetivo pensar e refletir sobre diferentes valores e as implicações práticas de os alunos expressá-los para si mesmos, para a comunidade e para o mundo em geral; a ideia é aprofundar o entendimento, a motivação e a responsabilidade de fazer escolhas pessoais e sociais positivas, além de inspirar os alunos a escolher seus próprios valores pessoais, sociais e morais.

Para Márcia Elisa Bertoglio, orientadora educacional do Colégio Notre Dame, em Canoas (RS), são visíveis os resultados satisfatórios do Projeto Viver Valores. "Para cada valor trabalhado, procuramos desenvolver técnicas e dinâmicas diferenciadas: jogos, esquetes teatrais, vivências, vídeos, trabalhos de grupo, campanhas de conscientização. O Projeto Viver Valores envolve todas as disciplinas, pois é realizado junto com os professores, que, após a intervenção das orientadoras e psicólogas, dão continuidade ao trabalho em sala de aula", finaliza.

A participação e a presença da família na educação

Acompanhe o emocionante relato da professora Leila Freitas de Lucena sobre a participação da família em seu processo de aprendizagem e o que ela espera para o futuro

No início da década de 1990, estava eu a dar meus primeiros passos na escola. Quatro anos de idade e já sabia ler. Minha mãe me ensinou a juntar as sílabas. Logo eu estava lendo um universo de palavras. Lembro-me da presença de uma cartilha chamada Cartilha da Ana e do Zé.

A escola onde estudei, da alfabetização à 7ª série, a E. E. F. João Rodrigues de Oliveira, ficava em uma comunidade carente chamada Angico, no município de Quixelô (CE). Na sala de aula tinha giz branco, quadro negro e o carinho dos professores. Sempre houve um ensino com afetividade. O incentivo de meus pais contribuiu muito para o meu desempenho escolar.

Minha mãe Izabel conseguiu alfabetizar a mim e a meus oito irmãos antes de irmos à escola. Dona de casa e abandonada pela mãe na infância, ela sempre teve a preocupação de não deixar faltar o material escolar. Escrevi até em papelão com pedaços de carvão, e a minha mochila era uma sacola de plástico. Tive o principal, que foi o incentivo necessário para aprender que sonhar é preciso.

Meu pai Valdenir, agricultor, sempre repetia uma frase muito forte em nosso lar: "Estudem, meus filhos; roça é duro!". Todos os dias ele ia sozinho para a labuta, pois queria que eu e meus irmãos frequentássemos a escola. Minha mãe sempre cobrava boas notas e a tarefa de casa resolvida.

Hoje, eu, como professora, percebo uma grande falta de interesse dos alunos que parte do não acompanhamento dos principais responsáveis por eles: a família. Antigamente, o mesmo respeito que se tinha pelos pais também era dedicado ao professor e aos colegas. Atualmente, os valores éticos estão se perdendo. Falta um olhar sensível para o ambiente escolar. O reflexo da convivência em casa é transmitido no cotidiano em sala de aula.

Ouço relatos de pais e avós que dizem não ter domínio sobre os filhos e netos de sete, oito, nove, dez anos de idade. Isso é preocupante! O incentivo, o amor, o cuidado que recebi de meus pais me fizeram despertar para a escolha da minha profissão. Aos oito anos de idade meu tio me perguntou: "O que você quer ser quando crescer?". Eu respondi prontamente: "Professora". Não queria abandonar meu lugar, ir para longe,

como meus irmãos. Foi a única opção de trabalho que encontrei. Sempre acreditei que poderia "ser grande" morando aqui. E assim aconteceu. Dos treze aos dezesseis anos, utilizava o transporte escolar para estudar. A família era mais unida, reflexiva.

A caneta do meu pai foi uma enxada. Ele acordava às cinco da manhã e ligava seu rádio à pilha sintonizado em um programa de repente e cantoria. Ali eu ouvia poesia, cordel, canção sentido o cheiro do café de mamãe. Foi aí que eu comecei a gostar de rimas. Havia também um senhor de nome Abrãao que contava história em noite de luar ao redor de uma fogueira. Não tinha energia elétrica. Ele lia e declamava o *best-seller* do cordel "Pavão misterioso", declamava a Donzela Teodora e outros clássicos. Eu ficava maravilhada.

Depois surgiram os primeiros livros paradidáticos na biblioteca da escola. Eu lia livros e mais livros. Comecei a participar de concursos de cordel, paródia e poesia, ganhando prêmios. O cordel foi um dos estímulos para o desenvolvimento do meu cérebro. Hoje, escrevo cordel, vejo como as crianças tem prazer e se divertem aprendendo através dessa literatura em suas diversas estruturas (sextilha, setilha, décima). É tanto que estou escrevendo minha dissertação com o tema "Neuroeducação: o cordel como estímulo para o cérebro na alfabetização".

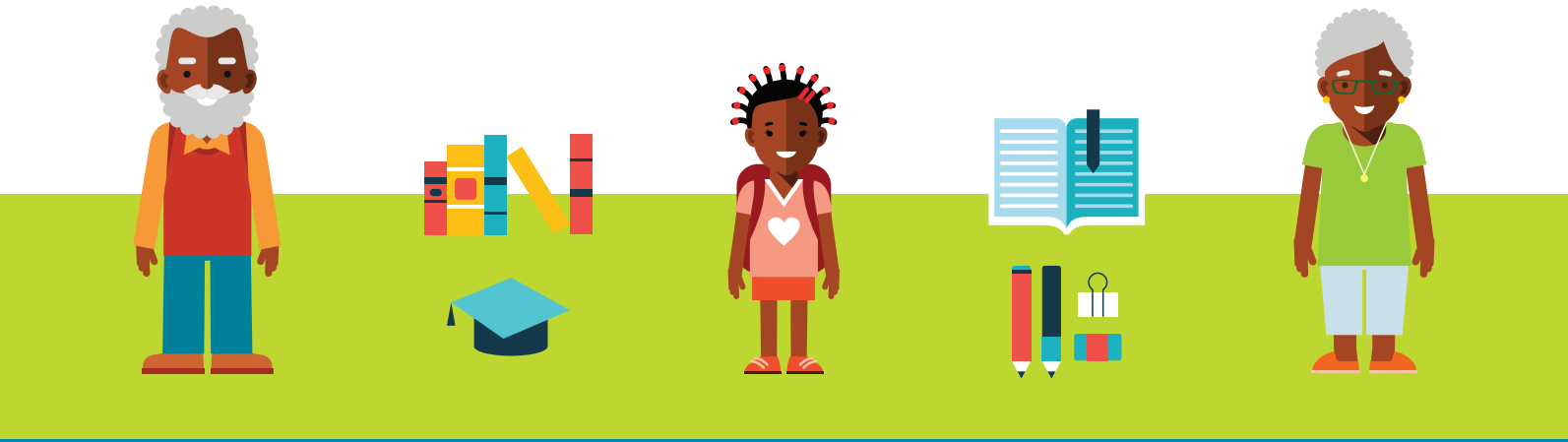
O papel da maioria dos pais hoje é garantir a frequência dos filhos na escola, e não o aprendizado. Os pais criticam, se acomodam. Na minha realidade escolar, 95% das crianças e adolescentes são filhos de pais analfabetos ou que desistiram de concluir o ensino fundamental e médio. Não é fácil.

Cabe a nós educadores mudar a visão negativa que a família tem sobre um futuro melhor para seus filhos. Sugiro um encontro mensal que aconteça com os pais na minha escola (E. E. F. José Alves do Nascimento). É um passo a ser dado a caminho dessa parceria significante. Temas pedagógicos devem ser abordados. O pai acompanha os avanços e dificuldades durante aquele mês. É uma maneira de compartilhar as capacidades que cada um tem de ser melhor. As metodologias do plano de aula devem ser sempre revisadas. A sala é um espaço eclético onde acolhemos em média 240 alunos todos os dias.

A Educação Inclusiva é mais um desafio que enfrentamos. Crenças limitadoras são impostas em quem tem alguma deficiência. Atividades que estimulem o cérebro são fundamentais. Sou mãe e todos os dias pergunto aos meus filhos o que eles aprenderam na escola. Eles sempre têm algo a compartilhar. Uma parceria sincera entre família e escola resultará em um sucesso cujo resultado será mais médicos, professores, advogados vindos de escolas públicas espalhadas Brasil a fora.

Vale lembrar que a realidade de uma comunidade, de uma escola, começa a ser modificada a partir do que temos. Cada professor, cada pai, cada aluno pode ser agente transformador de algo bom que começa aqui, agora. Uma infância feliz, o lúdico, o cordel, a dinâmica, fideliza o aluno em qualquer área do conhecimento. Família e escola de mãos dadas é o caminho para que todos se sintam estrelas na terra com o seu céu no seu lugar no mundo. O amanhã será melhor a partir do hoje, vivido e transformado por quem acredita em uma educação de qualidade.

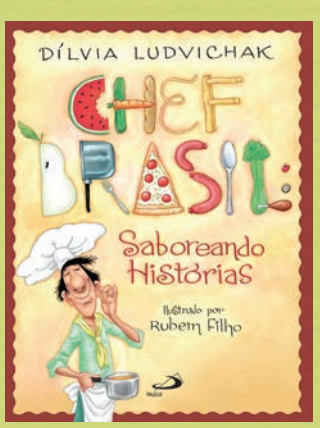
*Leila Freitas de Lucena é pedagoga e mestranda em Ciências da Educação, com MBA em Gestão Empresarial. É especialista em Educação Global e em Administração, Finanças e Marketing. Pedagoga, cordelista e professora alfabetizadora do Ensino Fundamental na E. E. F. José Alves do Nascimento. É também professora acadêmica. Vive na Vila Santo Antônio, em Acopiara (CE).



Especial Formação de

Professor

PAULUS



Chef Brasil: saboreando histórias

Autor: Dílvia Ludvichak
Ilustrações: Rubem Filho
Elaboração do Projeto: Beatriz Tavares de Souza

*Beatriz Tavares de Souza é mestre em Linguística Aplicada e pós-graduada em Língua Portuguesa pela PUC-SP. Tem licenciatura plena em Língua Portuguesa e é bacharel em Língua Espanhola, também pela PUC-SP.

Apresentação

Esta é uma narrativa em versos escrita em linguagem simples e divertida, cuja temática é a culinária brasileira. O *chef*, personagem principal, procura entender as variações nas cozinhas das mais diversas regiões do Brasil.

Justificativa

Além de levar o conhecimento do assunto sobre a culinária brasileira, a obra propicia o despertar nos alunos para as questões ligadas às mudanças de comportamento e estilo de vida dos seres humanos. Quais as consequências dos hábitos das sociedades de hoje para a saúde das pessoas? O livro ainda pode incentivar o professor a trabalhar com as memórias de sabores, pratos e temperos típicos da família.

Projeto pedagógico

Como reconhecer e valorizar a história da culinária brasileira. Como cuidar da saúde utilizando a prática de se alimentar com alimentos saudáveis e diversificados.

Temas secundários

Tempero, cozinha, utensílios, forno, família, fogão.

Temas transversais

Ética, Pluralidade Cultural, Saúde, Trabalho, Meio Ambiente, Educação.

Indicação

Ensino Fundamental: a partir do 4º ano. Ciclo 1: 1º ao 3º ano.

Áreas de conhecimento

Português, Literatura, Ciências (Ciências Naturais, Nutrição), História, Geografia.

Objetivos

Tornar o aluno leitor ativo e produtor de seus próprios textos. Compartilhar, contextualizar a obra, o autor e o tema. Relacionar o assunto aos seus conhecimentos de mundo. Propiciar um ambiente para que eles explorem os cuidados com a alimentação e a culinária brasileira, assim como suas variedades regionais.

Antes da leitura

Mostre o livro e aponte o nome da autora, do ilustrador e da editora. Antecipe o interesse dos alunos, perguntando o que eles sabem sobre culinária. Fale sobre diversidade cultural, destacando a origem dos diversos pratos típicos de cada região do país.
Aproveite para falar sobre *fast-food* e "obesidade epidêmica", comentando que pode ser essa doença e as consequências dos maus hábitos alimentares.

Iniciando a leitura

Inicie o processo de leitura em voz alta, para captar o ritmo dos versos, revezando com os alunos. Leia para a classe a dedicatória da autora e suas citações. Pergunte se os alunos sabem quem é Cora Coralina ou José Carlos Garcia. Comente sobre a linguagem, as palavras e seus significados. Levante os conhecimentos de mundo dos alunos sobre temas como trabalho, estudos, alimentação. Selecione alguns episódios extraídos do livro e relacione-os ao comportamento das pessoas no convívio social. Amplie a conversa, confrontando o tema com outros assuntos que se reportam ao comportamento individual ou da família em casa: o preparo das refeições na cozinha e a reunião dos amigos, familiares, durante a semana ou aos sábados e domingos. Pergunte aos alunos: "Você já teve oportunidade de ajudar no preparo de alguma refeição? Qual é o costume em sua casa: vocês se reúnem para fazer a refeição no almoço ou no jantar?".

Mapeando as imagens

Sugerimos uma leitura conjunta das ilustrações. Solicite aos alunos que as observem e, oralmente, que as descrevam.

- Questões

1. Observe a capa, as figuras que a compõem. As imagens da capa estão relacionadas com o título?

2. Repare nas letras: como as palavras foram escritas?

3. Quais elementos da culinária foram utilizados para escrever a palavra ***chef***? E quais foram os da palavra ***Brasil***?

4. Ainda nas ilustrações da capa, existe uma figura humana. Qual a profissão que ela estaria representando?

5. O "cozinheiro", ou *chef*, está com um utensílio da cozinha na mão. Qual?

6. Observando os traços e as expressões do rosto, qual sensação a figura do *chef* lhe desperta?

7. Então, você pode apontar nas ilustrações da capa quantos e quais objetos podem ser utilizados como instrumento do trabalho de culinária?

8. Mergulhando no colorido das páginas, quais são as cores predominantes? Em sua opinião, o que essas cores estariam representando?

9. Observe as páginas 6 e 7 e descreva quais alimentos estão presentes nas ilustrações.

10. Observe e descreva, com poucas palavras, quais sensações as imagens das páginas 8 e 9 despertam em você.

Agora é com você

Escolha a ilustração de que mais gostou, ou a que mais chamou sua atenção, e tente redesenhá-la no caderno.

De olho no texto

• Responda às seguintes questões:

Qual o assunto abordado pelo livro? _____

E qual a personagem principal da história? _____

E qual é o nome do *chef*? _____

Compreensão de leitura

• Responda, complete ou escolha a alternativa que julgar correta.

1. Depois que o *chef* Brasil viajou mundo e meio, comeu, ouviu e viu, o que ele descobriu?

_____

2. De acordo com a narrativa, as comidas contam histórias porque:

a) A comida tem memória e comer é um ato de recordar
b) Comer desperta emoções
c) Alimentos também são heranças, pois passam de geração em geração.

3. Releia o texto da página 13 e responda: como a avó e a mãe do narrador aprenderam a fazer pão de ló?

_____

4. Mesmo a mãe tendo menos tempo, de vez em quando ela fazia uma surpresa. Que surpresa era essa?

_____

5. Quando a mãe faz pão de ló para a família, eles se divertem e fazem festa. Por quê?

_____

6. De acordo com o *chef*, o termo "comida" pode mudar conforme a região. Assim, outros nomes que costumam dar para comida são alimento, _____, iguaria, _____ e o mais simples: _____.

7. Segundo a pesquisa do *chef*, no campo dos alimentos, foi grande a _____. Quanto mais ele _____, mais crescia a sua _____. Percebeu que a cozinha, que antes era _____ de _____ e _____, havia saído de casa.

8. O *chef* resolveu cair no mundo levando o fogão. Ele, então, possivelmente desenvolvia seu trabalho em:

a) Quiosque, tabuleiro, barraquinha.
b) Caminhão, tabuleiro, quiosque.
c) Restaurante, quiosque, tabuleiro.

9. De acordo com a história, desde os tempos mais remotos, o homem buscava maneiras de alimentar a família. O homem:

a) Caçava, plantava e colhia.
b) Caçava, cozinhava e comia.
c) Plantava, colhia e comia.

10. Com a construção de moradias, qual ambiente novo foi criado?

_____

11. As pessoas ficavam por horas desfrutando do ambiente da cozinha, porque:

a) O fogo tornou o ambiente quentinho e envolvente.
b) As pessoas gostavam de se reunir na cozinha.
c) O ambiente quentinho e envolvente permitia que as pessoas ficassem por horas conversando e se alimentando.

12. Com base no trecho da página 21, responda por que o alimento deixou de ser visto apenas como necessidade.

_____

13. A culinária brasileira é fruto de uma farta mistura. Confirme essa afirmação ligando os povos às comidas:

Índios •	• carnes, molhos, massas, doces
Japoneses •	• yakisoba, chás
Africanos •	• tabule, charutinhos
Europeus •	• guacamole, nachos, burrito
Chineses •	• mandioca, milho, cana-de-açúcar
Árabes •	• coentro, açafrão, leite de coco, feijão, azeite de dendê
Mexicanos •	• sushis, sashimis, tempurás

14. No calendário de nossas festas percebe-se a presença dos alimentos. Que festas são essas? Complete:

Festa da uva, _____, festa do marreco, _____, festa da polenta, _____, festa da cebola, _____, além das delícias que temos na festa de São João.

15. Por falar nisso, que alimentos seriam esses sempre presentes nas festas de São João?

Escolha uma alternativa:

a) Pé-de-moleque, paçoquinha, pipoca, vinho quente, quentão, doce de coco.
b) Paçoquinha, curau, arroz doce, milho verde, pipoca, amendoim.
c) Pé-de-moleque, paçoquinha, milho verde, bolo de fubá, doce de leite.
d) Todos os anteriores e muitos mais.

Para conversar

Veja o que diz o texto e as palavras grifadas:

Hoje as coisas são diferentes, o mundo não cansa de mudar. Os pais saem bem cedo, os filhos vão estudar. Na correria do dia a dia, para tudo encontramos tempo, só falta tempo de se encontrar. Estranho! – pensou o chef. *– As pessoas nem mais se olham, mas falam de compartilhar.*

Pergunta: Em sua opinião, qual seria a intenção do narrador ao escrever esse trecho?

De olho nas palavras e seus significados

- Busque o significado das palavras e escreva no caderno:

Prosa; nostálgico; afago; desandar; pitoresca; plausível; relevância; especulação; aconchegante; regado; sofisticado; moderação.

- Qual o significado das palavras e expressões grifadas abaixo?

Se você é corajoso, descolado e criativo, então já é bem-vindo nesta cozinha de amigos.

_____

Minha bisavó fazia um famoso pão de ló: aprendeu de ver fazer, na cozinha de minha Tataravó. Pelo bolo ambas eram caidinhas, e cochicharam a receita todinha ao pé do ouvido de minha avó.

_____

A culinária brasileira é fruto de uma farta mistura. Ela revela influências de um bocado de culturas.

_____

Não é que ele seja antigo, muito menos caretão.

_____

- Observe as palavras e expressões utilizadas pela autora e identifique quais sentimentos elas designam:

Ufaaaaaaaaaa! É muita invenção!!!

_____

Que coisa mais pitoresca, curioooooooooosa por demais!

_____

Desconfio de que, lááááá no fundo...

_____

- Busque nas páginas 36 e 37 um ou mais dos ditos populares citados que você mais tem ouvido e escreva-os aqui:

_____

• Agora, procure nos versos as palavras que rimam e escreva-as aqui:

_____

Uma coisa puxa outra

O livro menciona, nas páginas 38 e 39, as principais festas do Brasil que têm a comida como atração importante.

• De onde vêm as comidas típicas abaixo? Ligue-as às regiões:

Acarajé, baião de dois, sarapatel •	• SUDESTE
Bolo de macaxeira, caruru, pirarucu de casaca •	• SUL
Vaca atolada, picadinho com quiabo •	• CENTRO-OESTE
Cuscuz, caldo verde, pão de queijo, moqueca, feijoada •	• NORDESTE
Arroz carreteiro, chimarrão, polenta, churrasco •	• NORTE

Desafio

1. Que tal buscar uma receita da sua família? Fale com seus pais ou avós e encontre uma receita especial.

2. Entre colegas, monte uma equipe de *chefs* para preparar a comidinha especial extraída da receita escolhida pelo grupo e mostre para os colegas e professores como se faz.

Para refletir

Você sabia que muitos alimentos são desperdiçados? Levantamentos mostram que o desperdício é causado pela produção em excesso, pelo transporte ou pelo armazenamento em estoque. No entanto, boa parte do desperdício ocorre na cozinha.
Alguns dizem que muitas cascas, sementes e raízes poderiam ser usadas em diversas receitas, mas acabam na lixeira. ONGs que se preocupam com alimentação sustentável tentam combater esse desperdício por meio do aproveitamento integral. Como? Com planejamento desde a hora de ir às compras até a conservação. Pequenas mudanças no dia a dia são possíveis.
E você? Costuma desperdiçar alimentos?
Pense nisso.

Sugestões para avaliação

Participação nas atividades; atendimento às propostas de trabalho; desempenho nos trabalhos em grupo e nos debates; criatividade.

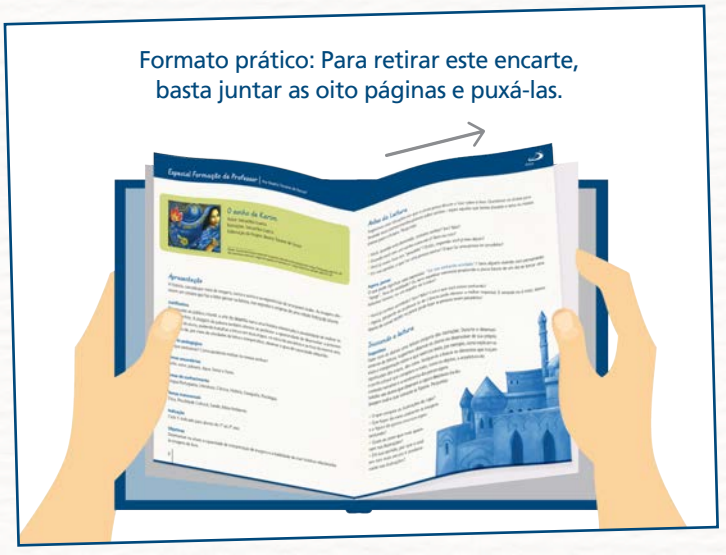
Ressaltamos que as atividades aqui propostas têm por objetivo oferecer subsídios para a mediação do trabalho pedagógico com a obra *Chef Brasil: Saboreando histórias*, da PAULUS Editora, e que não pretendem ser determinantes no trabalho desenvolvido em sala de aula, tendo em vista que somente o professor conhece as necessidades específicas de sua turma.

Projeto Pedagógico

encartado junto com a revista | Edição 69

Páginas Abertas

Formato prático: Para retirar este encarte, basta juntar as oito páginas e puxá-las.



PAULUS

Conheça outros projetos pedagógicos no site: paulus.com.br

Infância VAGA-LUME

Divulgação

Naquele tempo tudo era mistério. Os mais velhos contavam que nas noites de lua cheia o lobisomem corria pela vizinhança assustando a todos. Se alguém ousasse ficar até altas horas fora de casa, corria sérios riscos, principalmente se fosse criança.

Teozinho se recolhia cedo. Os latidos do cachorro Jupi o deixavam de olhos arregalados. As réstias da lua penetravam pelas brechas das janelas e das telhas da casa antiga do interior. Lá fora, um bando de cachorros se juntava ao velho Jupi. A algazarra no terreiro de barro vermelho tornava-se aterrorizante. O pequeno ouvia tudo. Sua mente de menino se ampliava. Aquelas pisadas fortes de animal de casco duro só podiam ser do lobisomem.

O alvoroço aos poucos se distanciava, os latidos seguiam estrada afora. O vento aracati soprava a casa toda, balançando as varandas das redes. Era agosto. Teozinho adormecia. No outro dia ninguém comentava nada. Mas o menino guardava tudo na mente. E mesmo sem ter visto, muitas vezes desenhou o lobisomem em seu caderninho do primário.

A professora achava Teozinho muito fantasioso. E sempre lhe ordenava que desenhasse algo real. Ele insistia que o lobisomem era real e aparecera em seu terreiro na última noite de lua cheia. Os colegas todos riam dele. Alguns até consentiam, porque ouviam as mesmas estórias de assombração, contadas pelos mais velhos no alpendre de casa.

Os adultos diziam que era o Sebastião da Úrsula, que rezava uma oração forte e se transformava em monstro nas noites de lua cheia. Só voltava ao normal ao amanhecer, antes de o sol nascer. Teozinho sempre olhou com desconfiança e medo para o Bastião, como era chamado o velho pescador ambulante. Mas não se escondia como faziam as outras crianças quando o avistavam.

Sebastião aparecia e desaparecia na região. Por todo sumiço de galinhas, e até de cabras e de ovelhas, os moradores culpavam-no. Era uma espécie de bode expiatório do lugar. Quando demorava a retornar, os vizinhos comentavam que havia morrido. Engano. Voltava. A idade do Bastião era outro mistério. Havia quem afirmasse que ele existira desde sempre.

* Antonio Iraildo Alves de Brito é padre paulino, jornalista, bacharel em Filosofia e Teologia. Mestre em Letras e Regionalidade. Doutorando em Comunicação e Semiótica. Publicou o livro *Patativa do Assaré: porta-voz de um povo* pela PAULUS.
iraildo@paulus.com.br

Uma visita ao Parque IBIRAPUERA

Cultura, lazer, esporte, arte e música estão entre as principais atrações do Parque Ibirapuera

Em meio à arquitetura dos prédios, nas ruas agitadas da megametrópole, encontra-se um dos primeiros parques urbanos do Brasil. Localizado na região centro-sul de São Paulo, o Parque Ibirapuera é famoso pela beleza natural e por abrigar inúmeros espaços culturais entre suas áreas verdes.

Inaugurado em 21 de agosto de 1954, durante as comemorações do IV Centenário de São Paulo, o projeto do parque foi idealizado pelos arquitetos Oscar Niemeyer, Zenon Lotufo, Ulhôa Cavalcanti, Eduardo Kneese de Mello e Ícaro de Castro Mello, além do paisagista Augusto Teixeira Mendes.

Eleito, em 2015, o "melhor parque urbano do planeta" pelo renomado jornal britânico *The Guardian,* ficou à frente de grandes parques famosos do mundo, sendo considerado cartão postal e ícone da cidade de São Paulo.

A irreverente palavra Ibirapuera vem do tupi-guarani e significa "árvore apodrecida", nome bastante familiar aos habitantes da aldeia indígena que ocupava a região do parque no inicio da colonização de São Paulo. De acordo com o histórico da cidade, o espaço era alagadiço e duvidoso, mas começou a ganhar nova forma por iniciativa de um funcionário da prefeitura, Manuel Lopes de Oliveira, que deu início ao cultivo de uma grande variedade de plantas.

O espaço do Ibirapuera

Somando cerca de 1,584 km², as áreas verdes do parque oferecem ao visitante diversas programações culturais. O espaço ainda é procurado pelos paulistanos para a prática de esportes, caminhadas, corridas, encontros, passeios em família ou mesmo para andar de *bike*, patins e *skate*.

Outro atrativo é o lago do Ibirapuera, construído em 1952 e considerado a alma do parque, pois divide a área cultural da área de contemplação. O lago conta com uma fonte que funciona todos os dias do ano, com direito a espetáculo de multimídia.

Esculturas e monumentos

O parque dispõe de diversas praças, com espécies de árvores dos cinco continentes, jardins, monumentos, esculturas e espaços culturais que revelam fatos marcantes da história do país – entre eles, o Obelisco do Ibirapuera, monumento funerário símbolo da Revolução Constitucionalista de 1932, considerado o maior monumento da cidade, com 72 metros de altura.

Outro destaque é o Monumento às Bandeiras, uma homenagem aos bandeirantes que desbravaram o país. Nele é possível notar a presença de diversas etnias, como portugueses,

negros, mamelucos e índios (com cruzes no pescoço), puxando uma canoa de monções, utilizadas nas expedições fluviais.

PROGRAMAS EDUCATIVOS

O Museu Afro Brasil (MAB)

Localizado no Pavilhão Padre Manoel da Nóbrega, o Museu Afro Brasil tem por objetivo manter vivas, com riqueza de detalhes, a cultura e a influência africanas na sociedade brasileira.

O espaço de 11 mil m² abriga um acervo com cerca de 6 mil obras, entre esculturas, pinturas, fotografias, gravuras, documentos e peças produzidas entre o século XVIII e os dias de hoje. O museu exibe o acervo em exposições de longa e temporária duração.

Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP)

O parque também cede lugar para o Museu de Arte Moderna de São Paulo, um dos primeiros museus de arte moderna da América Latina. O museu cresceu e, hoje, possui mais de 4000 obras de arte contemporânea brasileira, entre pinturas, esculturas, gravuras, fotografias, vídeos e instalações.

Visita ao Pavilhão das Culturas Brasileiras

É possível encontrar recortes do Brasil e de sua gente no Pavilhão das Culturas Brasileiras, um espaço democrático que revela as culturas do povo brasileiro e suas expressões. E por falar em cultura, o prédio da Bienal, Pavilhão Ciccillo Matarazzo, é considerado um ícone cosmopolita da arquitetura moderna. É nele que acontece a Bienal de Arte de São Paulo, promovida pela Fundação Bienal de São Paulo, que mantém e conserva o espaço.

O edifício da Oca

Com mais de 10 mil m², o espaço da Oca também abriga grandes exposições dentro do parque. De acordo com os organizadores, o edifício chegou a abrigar, no passado, o Museu da Aeronáutica de São Paulo e o Museu do Folclore.

Planetário Ibirapuera Prof. Aristóteles Orsini

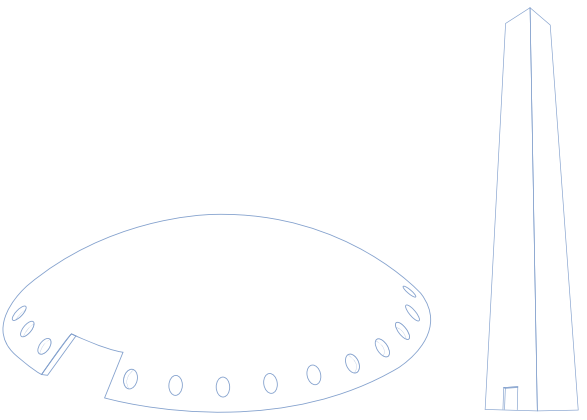
O lugar, primeiro planetário do Brasil, foi inaugurado em janeiro de 1957. O prédio é importante patrimônio histórico, científico e cultural, além de ótima opção para a programação de férias escolares.

O que dizem os visitantes

A profissional de educação física Melissa Almeida aproveita o espaço do parque para correr e trabalhar durante a semana. "O Parque Ibirapuera é bem localizado, tem uma área ampla e é um ambiente para todos, tanto para quem vem passear como para aqueles que praticam esportes ou outras atividades – cada um respeitando o espaço do outro", conclui.

Para o administrador de empresas Emanuel Damasceno, o ambiente verde do parque aliado à prática do esporte (treino funcional) contribuiu muito para uma mudança significativa no estilo e na qualidade de vida dele.

"Gosto do parque porque é um espaço onde é possível conviver com todas as tribos, conhecer pessoas. Considero-o o 'pulmão verde' da cidade; por isso, assim como os outros parques, é preciso cuidar dele", finaliza.



INFORMAÇÕES AOS VISITANTES

Horário de funcionamento

Entrada gratuita. O parque abre diariamente das 5h às 0h (aberto 24h de sábado para domingo).

Localização

Av. Pedro Álvares Cabral, s/n (portões 2, 3 e 10)

Contato

Telefone: (11) 5574-5045 – Fax: (11) 5573-4180

Site: www.prefeitura.sp.gov.br

E-mail: admparqueibirapuera@prefeitura.sp.gov.br

O UNIVERSO FILOSÓFICO DE HANS JONAS

O livro de Wellistony Viana que acaba de ser publicado pela PAULUS Editora traz uma valiosa contribuição aos interessados em conhecer um pouco mais sobre um dos temas filosóficos mais intrigantes: o que são e quais as relações entre mente e cérebro. Este tema, conhecido comumente como "o problema mente-cérebro", representa uma das questões antropológicas e éticas mais fecundas das últimas décadas e, mesmo considerando os enormes avanços na compreensão de seus elementos, ainda estamos muito distantes de encontrar todas as explicações desejadas.

Desde que René Descartes trouxe à tona o problema das relações entre corpo e mente, inúmeros pensadores e cientistas têm se dedicado a estudar e tentar elucidar como ocorrem as interações entre o corpo – ou cérebro, entendido como uma estrutura física e orgânica que permite uma investigação experimental – e aquilo a que chamamos mente, entendida como uma coleção de estados de consciência privados, subjetivos e inacessíveis a estudos empíricos. A questão de fundo gira em torno de se saber como são produzidos tais estados de consciência e sua primazia em relação à linguagem, considerada um produto ou forma de expressão do pensamento e não mais sua origem.

Já no excelente prefácio, assinado por Manfredo A. de Oliveira, ficam claros os objetivos do livro de Wellistony Viana: oferecer ao leitor a entrada para o universo filosófico do debate em torno do problema mente-cérebro e apresentar as contribuições de Hans Jonas para as tentativas de esclarecimento das principais questões que têm ocupado especialistas das mais diversas áreas de estudos, como física, biologia, psicologia, ciências cognitivas, neurofisiologia etc. Tudo isso abordado em discussão com a filosofia analítica.

O capítulo 1 se inicia com a determinação do horizonte teórico no qual a filosofia da mente encontra suas origens: a filosofia de Descartes e sua radical distinção entre mente e corpo. Nos três subcapítulos encontramos a discussão geral das bases do dualismo cartesiano centrada na noção de *cogito*, uma versão esclarecida da argumentação cartesiana pautada na avaliação lógica dos argumentos apresentados por ele, que termina com a crítica de Hans Jonas ao dualismo cartesiano presente na obra *Princípios da vida: fundamentos para uma biologia filosófica* . A conclusão de Jonas é que será preciso superar o dualismo para que avanços mais significativos sejam obtidos, tanto no debate mente-cérebro como nas questões éticas e ambientais que o ocidente encontrou, dada a supremacia da visão cartesiana na idade moderna.

No capítulo 2 encontramos a crítica de Hans Jonas a uma das mais influentes tentativas de superação do dualismo cartesiano, o fisicalismo reducionista. Após evidenciar que os estados mentais têm propriedades diferentes dos estados físicos, Wellistony Viana aponta a crítica de Hans Jonas por meio da seguinte pergunta e sua consequência mais direta: "Por que a subjetividade e a intencionalidade surgem de tais configurações neuronais e processos físico-químicos do sistema nervoso? Sem responder a essa pergunta, o projeto reducionista acaba por assumir posições metafísicas insustentáveis no contexto científico em que pretende se encontrar" (p. 59). Tal situação deixa margens para inúmeras críticas e outras correntes da filosofia da mente ganham espaço, como acontece com o fisicalismo não reducionista, assunto tratado no capítulo 3.

"... aos interessados em conhecer um pouco mais sobre um dos temas filosóficos mais intrigantes: o que são e quais as relações entre mente e cérebro."

Para os partidários dessa corrente, há uma dualidade, não substancial, mas de propriedades que não podem ser reduzidas apenas aos estados físicos. Embora nossa intuição geral seja que o mundo é composto por estados físicos, procura-se evidenciar os estados mentais e não os ignorar, sem reduzi-los a meros estados físicos. Hans Jonas opta por não tratar simplesmente dos termos mente e cérebro; antes os substitui por termos como vida e matéria, o que resulta em uma nova questão: a forma vital pode ser reduzida à matéria? Vê-se logo que o reducionismo deve ser refutado também no âmbito biológico para depois refutá-lo no âmbito do mental (p. 83).

O capítulo 4 trata de uma corrente monista que desponta como uma das mais promissoras da atualidade, chamada de monismo idealista, ou pampsiquismo. De um modo geral, o pampsiquismo se funda na ideia básica de que entidade físicas possuem um elemento psíquico, o que resulta na afirmação de que a consciência é coextensiva com matéria, visão que se aproxima da de Jonas.

No capítulo 5, afirma Wellistony Viana, a filosofia da biologia proposta por Jonas oferece a possibilidade de explicação das relações entre mente e cérebro por meio das relações entre vida e matéria, pois espírito e matéria formam duas dimensões de uma mesma realidade e são irredutíveis um ao outro, o que Jonas chama de monismo integral.

Os capítulos 6 ao 10 representam uma nova etapa do livro *Hans Jonas e a filosofia da mente*. Agora o autor passa a apresentar os elementos que servem para sustentar as posições de Jonas a respeito das relações entre mente e cérebro a partir da perspectiva de um outro problema central para a humanidade, a saber, o problema da liberdade humana. Há liberdade nas ações e somos realmente livres para agir como quisermos? Se uma teoria da mente resultar em que não sejamos livres, não haverá a possibilidade de responsabilização,

o que destrói qualquer tentativa de fundação de uma dimensão ética para nossa existência.

Questões como o determinismo mental fundado nas relações de causa e efeito e o indeterminismo fundado no acaso ameaçam diretamente a crença de que somos livres e escolhemos como agir – por isso são duramente atacadas. Já o problema da interação psicofísica surge com a questão sobre se é possível a consciência causar qualquer tipo de alteração no mundo físico. Dada a gravidade da posição, o autor Wellistony Viana usa três capítulos para apresentar os principais elementos das teses defendidas e um pouco da crítica de Jonas a elas, o que optamos por não tentar reproduzir para evitar mal-entendidos ou aproximações grosseiras com as teses apresentadas.

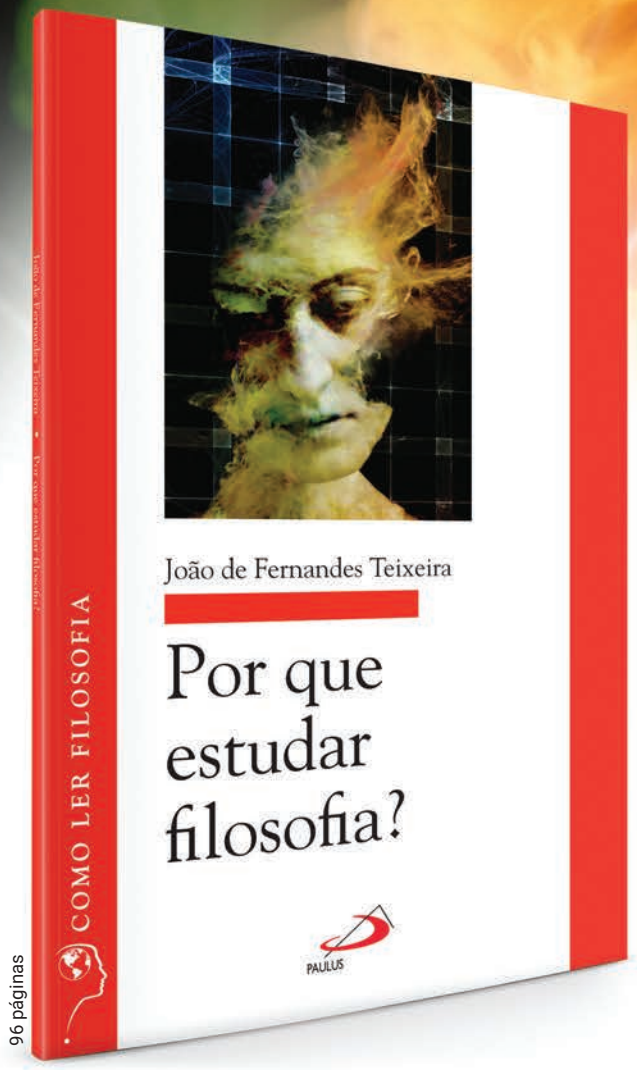
Por fim, no capítulo final do livro, encontramos a descrição e análise da proposta de Jonas para a superação dos problemas da filosofia da mente por meio de sua filosofia da biologia e filosofia ética, que, juntas, formam uma ontologia sobre o ser humano e uma antropologia filosófica: o problema consciência/espírito/corpo e o problema da ação humana, da liberdade e da ética. No modelo de interação psicofísica de Hans Jonas há a junção dos resultados obtidos por meio das diversas ciências com a filosofia e seu poder de reflexão radical. Ambas se complementam e oferecem uma resposta alternativa que, mesmo não resolvendo de modo definitivo todos os problemas emergentes, ao menos oferecem uma visão coerente e bem fundamentada para a compreensão das relações entre o físico e o mental, o corpóreo e o espiritual, o mundo e a consciência, sem apelos a metafísicas sutis ou um mecanicismo causal estéril para tratar das peculiaridades da intrigante maravilha que é o ser humano.

Como recomendação de leitura, deixo a indicação de que este livro servirá tanto para o leitor interessado no tema, mas sem muita familiaridade com as diversas filosofias que tratam de seus problemas, quanto para aquele leitor já iniciado no assunto e que ainda não tomou conhecimento das ricas contribuições de Hans Jonas nos deixou – algumas postumamente descobertas, outras ainda a descobrir.

* Carlos Jacinto Nascimento Motta é doutor em Filosofia pela PUC-SP e mestre em Filosofia pela PUC-RJ, professor universitário da FAPCOM e pesquisador no grupo de pesquisa Perspectivas críticas da Filosofia Contemporânea na Universidade Federal do ABC. É autor de *Introdução à Epistemologia* de Francis Bacon, publicado pela Editora Nova Harmonia.

Por que estudar filosofia?

João de Fernandes Teixeira



96 páginas

Por que estudar filosofia? é um livro-bomba, que visa resgatar a dignidade da filosofia, soterrada sob os escombros da mídia e da universidade. A filosofia não é faxineira da teologia, não é um produto a ser vendido em um catálogo, nem se reduz ao debate político e ideológico. Uma filosofia brincalhona pode nos ajudar a superar o fato brutal de que estamos, todos, condenados a pensar.

PAULUS,
dá gosto de ler!

paulus.com.br
11 3789-4000 | 0800-164011
vendas@paulus.com.br

PAULUS

COMPROMETIDOS COM A PAZ!

Quando, também na escola, se dialoga sobre as religiões

Temos percebido uma crescente preocupação acerca do papel social da escola e da educação que acontece neste espaço-tempo.

Numa perspectiva de sociedade apassivada pelos grandes meios de comunicação social, seria mais fácil imaginar a escolarização como processo de adaptação ou preparação a um modelo de convivência sem autorias, sem decisões, sem questionamentos.

Usa-se até a pretensa possibilidade de neutralidade para o conhecimento científico como ideal a ser buscado por todos os que atuam com as novas gerações, ao longo da Educação Básica.

Contudo, além de todo conhecimento humano ser marcado pelos tempos, culturas, crenças e possibilidades reais – por exemplo, o geocentrismo baseado nas empíricas observações da humanidade durante a maior parte da história –, reconhece-se, explicitamente, este conhecimento como precário, sujeito a revisões, relativo às condições de determinado momento científico, cultural e, inclusive, ideológico.

No que toca tão intimamente a vida das pessoas como as suas crenças religiosas – significados últimos de seu existir, seus valores mais profundos, suas convicções e sentido do viver –, lidamos com um cenário ainda mais complexo. Seria mais fácil vincular a escola e sua função pública com uma obrigação de não se tratarem ali assuntos relacionados às convicções pessoais e familiares. Aos que advogam uma interpretação restrita à ideia da laicidade da escola, especialmente a escola mantida diretamente pelos órgãos federativos, parece fácil justificar a ausência das discussões sobre religião, sobre as tradições religiosas e o necessário diálogo entre elas.

O discurso de muitos reduz a questão das religiões ao foro íntimo das pessoas, defendendo que as construções

culturais que chamamos de tradições religiosas não tivessem nenhum papel na sociedade e na real possibilidade/urgência de vivermos em paz.

Meu posicionamento como educador, tanto na questão geral da falaciosa neutralidade do conhecimento quanto na pretendida ausência das questões religiosas, é claro e transparente: a escola, mantida diretamente pelo Estado ou por outras entidades da sociedade, deve ser espaço-tempo de troca, de diálogo, de construção de conhecimentos, de abertura ao diverso, de discussão, de debate, de ampliação de horizontes. Será sempre, por seus professores, alunos, especialistas em educação, pessoal de apoio, famílias e comunidade do território, instância social apropriada para a discussão, para a respeitosa convivência da diferença, para a desafiadora tarefa de aprender e dialogar com o novo.

Nesta perspectiva e enfocando mais diretamente o assunto que este pequeno texto quer suscitar, gostaria de recordar a postura do Papa Francisco e uma de suas falas. Suas atitudes de abertura e de cotidiana provocação do diálogo entre as religiões tiveram uma enfática confirmação em vídeo divulgado no início do ano de 2016, "Papa confia as intenções de oração para janeiro de 2016" (confira o discurso em **https://www.youtube.com/watch?v=kHsfzPv7gMU**).

Gostaria de destacar alguns aspectos deste posicionamento do Papa Francisco como inspiração direta para a nossa responsabilidade, também no âmbito da educação.

"A maioria dos habitantes do planeta declara-se crente. Isto deveria ser motivo para o diálogo entre as religiões."

É imperioso reconhecer esta evidência: as crenças religiosas, mais ou menos institucionalizadas, caracterizam a vida das comunidades, povos e pessoas ao longo da história. A relevância da temática pode ser amplamente justificada pelas questões antropológicas implicadas. Mesmo considerando os que não se enquadram institucionalmente, a busca humana por plenitude, por superação, por felicidade pode ser chamada, genericamente, de busca espiritual. O "anseio pelo mais" qualifica a existência humana e pode ser objeto das interações humanas, também na escola. Não custa lembrar que todos aqueles que se dizem sem crença alguma têm nesta perspectiva também o seu conjunto de valores e, por isso, são convidados para este diálogo pela riqueza de seu posicionamento.

"Muitos pensam de modo diferente, sentem de modo diferente, procuram Deus ou encontram Deus de muitos modos. Todos somos filhos de Deus."

Há entre nós muitos que usam a palavra "deus" com letra minúscula quando nos referimos às religiões dos outros, variando a letra maiúscula quando se conhece a experiência religiosa dessa pessoa ou comunidade e se acredita muito próxima da nossa concepção. Papa Francisco em nenhum momento imagina que Deus seja uma prerrogativa do nosso grupo ou do Cristianismo. Deus se faz presente na vida de todos os povos e de modos que só Ele para ter tamanha riqueza e diversidade. Respeitar profundamente as pessoas por sua condição e dignidade humana e como buscadores de Deus é pressuposto para a acolhida generosa e para o diálogo que transforma e aproxima.

"Que o diálogo sincero entre homens e mulheres de diferentes religiões produza frutos de paz e de justiça."

A escola e o espaço curricular do Ensino Religioso são territórios absolutamente favoráveis para esse encontro dialógico. Não se pode conceber a educação como formação dentro de uma perspectiva fechada, consolidação do gueto que se protege e tem medo das perspectivas e tradições que lhe são desconhecidas. O conhecimento que se constrói com informações profundas sobre as várias tradições religiosas, que dá voz e vez para a diferença de crenças e concepções do viver, trará uma sólida base para uma sociedade fundada em valores de paz. Sem medo do outro-diferente teremos melhores condições de construir um mundo reconciliado e sem guerras (principalmente as que se justificam pela religião).

Em síntese, o Papa Francisco nos convoca ao diálogo, à vida em harmonia na diferença, ao encontro com o outro, caminho único para o encontro com o Outro. As religiões não podem ser geradoras de distância, de desavença, de violência e de guerra. Nossas escolas e comunidades podem ser novos areópagos nos quais se gesta um mundo novo, a Civilização do Amor. O desafio está lançado.

* Ascânio João Sedrez (Chico) é diretor do Colégio Marista Glória, da Rede de Colégios do Grupo Marista. Licenciado em Filosofia, Estudos Sociais (Ciências Humanas) e Pedagogia, além de mestre em Ciências da Religião, Ascânio – mais conhecido como Chico – atua há trinta anos no Grupo Marista.

O impacto da natureza na saúde mental

O processo de urbanização faz com que parcelas cada vez maiores da população vivam em cidades e afastadas da natureza. Pessoas que vivem em grandes cidades têm chances maiores de desenvolver doenças mentais, principalmente quadros ansiosos e depressivos, e o afastamento de ambientes naturais é considerado uma das causas desses problemas.

Pesquisas demonstram que morar próximo a áreas verdes tem efeito positivo na sensação de bem-estar. O simples fato de ter, pela janela do ambiente de trabalho, uma vista para alguma área com elementos da natureza melhora a capacidade de atenção, memória e controle de impulsos. E os mecanismos fisiológicos que estão subjacentes a esses efeitos benéficos da natureza sobre a saúde mental começam, agora, a ser desvendados.

Um estudo realizado pela Universidade de Stanford nos EUA em 2015[1] expôs voluntários sadios, moradores de área urbana, isolados de contato com a natureza e que relatavam estar estressados a um experimento. Os voluntários foram divididos em dois grupos; enquanto um deles caminhou por noventa minutos em um bosque com árvores, o outro caminhou pelo mesmo período em meio a uma avenida movimentada.

Após a caminhada, foi medida nos dois grupos a atividade cerebral do córtex pré-frontal subgenual, uma área do cérebro que é estimulada em pessoas estressadas e/ou deprimidas. Verificou-se que, no grupo das pessoas que caminharam no bosque, a atividade no córtex pré-frontal subgenual havia diminuído, e elas relataram uma sensação de bem-estar. Já no grupo da caminhada na avenida não houve alteração, tanto na atividade no córtex pré-frontal subgenual quanto no nível de estresse.

Um estudo australiano recente[2] para avaliar o impacto de frequentar áreas verdes na saúde mental das pessoas revelou que ir a um parque ou bosque uma vez por semana, por trinta minutos ou mais, ajuda a prevenir a depressão e a hipertensão arterial.

Uma explicação para esse fenômeno é que a visão de elementos da natureza, tais como árvores, nuvens, montanhas ou mesmo peixes em um aquário diminui a atividade da atenção voluntária, que exige esforço mental e é requerida quando checamos uma mensagem no celular, olhamos para a tela do computador ou assistimos à televisão. Simultaneamente, a atividade do sistema nervoso parassimpático é estimulada.

> “Ir a um parque ou bosque uma vez por semana, por trinta minutos ou mais, ajuda a prevenir a depressão e a hipertensão arterial.”

Esse sistema contrabalança a atividade do sistema nervoso simpático, que está relacionado às reações de luta e fuga e à liberação de hormônios do estresse, como a adrenalina e o cortisol.[3]

Tais descobertas sobre o papel da natureza na saúde das pessoas convocam os urbanistas, arquitetos e gestores governamentais, responsáveis pelas regulamentações de como os espaços das cidades devem ser construídos, a levar em consideração a necessidade de garantir áreas verdes nas cidades.

Para saber mais (em inglês)

1. Gregory N. Bratmana, J. Paul Hamilton, Kevin S. Hahnc, Gretchen C. Dailyd e James J. Grossc. **Nature experience reduces rumination and subgenual prefrontal cortex activation**. *PNAS*, 2015. Disponível *on-line* em: www.pnas.org/content/112/28/8567.full.pdf

2. Danielle F. Shanahan, Robert Bush, Kevin J. Gaston, Brenda B. Lin, Julie Dean, Elizabeth Barber e Richard A. Fuller. **Health Benefits from Nature Experiences Depend on Dose**. *Scientific Reports*, 2016. Disponível *on-line* em: http://www.nature.com/articles/srep28551

3. Brown, DK, Barton, JL, Gladwell VF. **Viewing Nature Scenes Positively Affects Recovery of Autonomic Function Following Acute-Mental Stress**. *Environmental Science & Technology*, 2013. Disponível *on-line* em: http://pubs.acs.org/doi/pdf/10.1021/es305019p

* Prof. Dr. Sergio Tamai é médico psiquiatra e doutor em Psiquiatria pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP).

PÁGINAS ABERTAS

Indica

O presente

Mônica Guttmann
Ilustrações: Simone Matias

A história marca a chegada de um presente especial à casa de uma família. O dia a dia dessa família é bem corrido, e às vezes falta tempo para que as pessoas se olhem e se aproximem de verdade. O curioso presente e uma carta, que chega logo em seguida, darão pistas para uma mudança significativa na vida das pessoas dessa família – e para os leitores também.

Formato: 21 cm x 26 cm **Páginas:** 40

Introdução à Filosofia Budista

Ana Paula Gouveia

Esta breve introdução a uma corrente de pensamento tão rica e variada procura, em linguagem acessível, explicar seus fundamentos básicos e oferecer um panorama das diferentes escolas filosóficas dela derivadas. Logo de início, conta-se a trajetória de Buda e seus primeiros questionamentos. Em seguida, a autora aprofunda-se nos pilares do pensamento budista, base para todo um corpo de derivações, analisadas depois, cujo entendimento varia e, muitas vezes, entra em conflito.

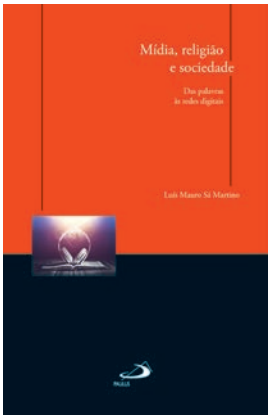
Formato: 13,5 cm x 21 cm **Páginas:** 352

Comunicação, mediações e interações

Lucrécia D'Alessio Ferrara

O livro analisa as características da interação que se confronta com a mediação, ao estabelecer processos cognitivos que oscilam entre os dois conceitos e possibilitam a discriminação de momentos comunicativos distintos e essenciais para a comunicação enquanto área de conhecimento. Procura-se identificar as matrizes epistemológicas subjacentes a esses processos, a fim de que seja possível apreender as configurações que sustentam tais matrizes e identificar manifestações que, cotidianas, passam despercebidas.

Formato: 13,5 cm x 21 cm **Páginas:** 216



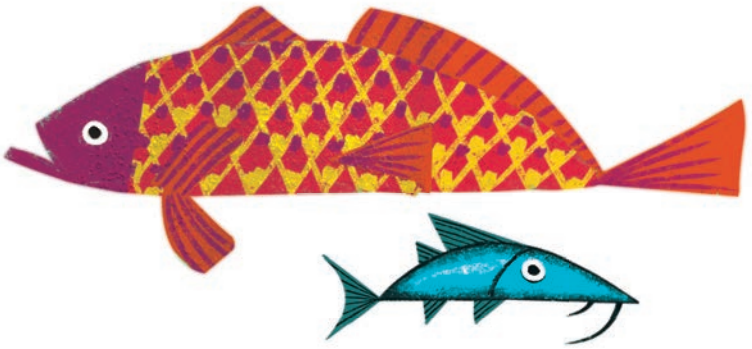
Mídia, religião e sociedade

Das palavras às redes digitais

Luís Mauro Sá Martino

Como as religiões articuladas se apresentam no espaço público e influenciam o cotidiano? A obra propõe uma reflexão sobre o cenário contemporâneo, sobretudo nas relações existentes entre mídia e religião, ligações que avançaram muito na atualidade, afetando áreas como economia e política. O livro é voltado a pesquisadores e estudantes de Comunicação e Ciências Sociais.

Formato: 13,5 cm x 21 cm **Páginas:** 208

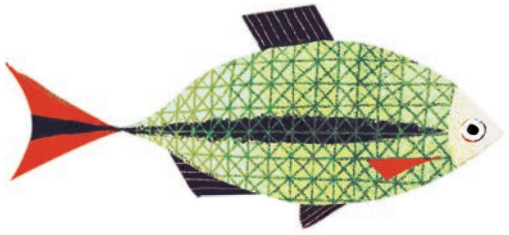


Cordel do rio Chico

Jorge Fernando dos Santos
Ilustrações: Luciano Tasso

No livro *Cordel do rio Chico*, Jorge Fernando dos Santos transforma a história do Velho Rio São Francisco em cordel, contando como o maior rio do Brasil chegou às condições em que se encontra hoje. Escrito com sensibilidade e poesia, Cordel do rio Chico alimenta a imaginação, diverte e ensina, mostrando que o Velho Chico é parte de nossa história e exemplo vivo de como a preservação da natureza, nosso maior bem, depende de nós.

Formato: 21 cm x 27,5 cm **Páginas:** 32



Introdução à Educação

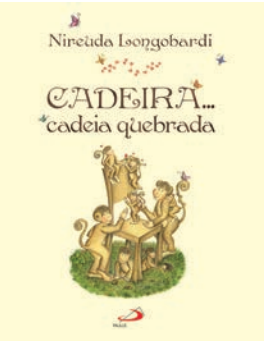
Celso Antunes

A obra relaciona bem a teoria da educação junto da abundante experiência prática. O professor Celso Antunes, neste livro, oferece de maneira clara e objetiva um fio condutor para nortear os educadores em meio à grande diversidade de publicações especializadas na área. O livro esclarece os conceitos e fundamentos principais da educação, com sua evolução até os nossos dias.

Formato: 13,5 cm x 21 cm **Páginas:** 208

Cadeira... cadeia quebrada

Nireuda Longobardi



A narrativa, que traz a cadeira como principal personagem, pretende ajudar os leitores a compreender o processo de produção dos objetos, desde a sua saída do meio natural até chegar às casas e servir às necessidades das pessoas. O livro trata também da necessidade de se preservar o meio ambiente, além de oferecer ricas fontes de pesquisa.

Formato: 21 cm x 27,5 cm **Páginas:** 96

Nas ondas do pensamento

Ensaio de História da Filosofia

José Dias Goulart

Este breve "ensaio de história da filosofia" quer apenas despertar o prazer de pensar, conhecendo e admirando cada dia mais os imortais heróis do Pensamento. Filósofos que são, ou "amigos do saber", se não explicam os fatos todos da existência, ampliam os horizontes do Conhecimento, em busca do "saber-viver". Eles ensinam a questionar, buscando a razão – o porquê e para quê – do saber, do existir e do acontecer.

Formato: 16 cm x 23 cm **Páginas:** 424

OS QUATRO PILARES DA EDUCAÇÃO em casa

Quando, em 1990, na cidade de Jontien, na Tailândia, a Conferência Nacional sobre Educação patrocinada pela UNESCO terminou, edificando a certeza de que a educação para o século XXI não poderia deixar de se apoiar em quatro pilares essenciais – aprender a conhecer, aprender a viver com os outros, aprender a fazer e aprender a ser –, acreditou-se que seria essa uma nova ideologia e o sentido de uma ousada busca para todas as escolas do mundo. Realmente, é impossível contestar-se a validade desses pensamentos e, em um mundo que se globaliza cada vez mais, não existe escola possível sem que esses pilares a sustentem. O que, entretanto, nem todos se deram conta é de que não apenas a escola, mas também e, sobretudo, a família necessitam estar plenamente afinadas a essas metas, construindo-as no âmbito do lar. Portanto, separar escola de família e pensar no futuro é mais ou menos como isolar amor de emoção, achando que um desses sentimentos possa verdadeiramente existir sem o outro.

É evidente que o enfoque específico desses pilares se diferencia se estimulado no lar e na escola, afinal, o lar prepara o futuro pensando na felicidade nos filhos e seu eventual sucesso como elemento complementar a essa felicidade; já a escola inverte a ordem e, preparando para a cidadania e o mundo do trabalho, visa ao sucesso, sabendo que será este, quase sempre, um veículo para a felicidade.

Assim sendo, o primeiro pilar na sala de aula subverte a informação e a submete à aprendizagem e, portanto, bem mais se preocupa em ensinar o aluno a aprender que a dominar conceitos, até mesmo pela rapidez com que estes se transformam. Na família, o primeiro pilar refere-se mais ao aprender a conhecer e, assim, a fazer uma leitura do tempo e do espaço tendo como referência gente e valores e como estratégia sua prática nas relações pessoais. Aprender a aprender ajuda a criança a aprender a conhecer, mas, quanto mais essa criança conhece, seguramente melhor aprende.

O segundo pilar tem foco similar; no entanto, enquanto a escola ensina e disponibiliza o aluno para o outro e para a aceitação das diferenças, encaminhando-o para trabalhar em grupo e despertando o sentimento da associação e do compartilhar, na família o ensinar relacionamento distancia-se de grupos etários homogêneos para levar a bela descoberta da amizade entre idades diferentes, entre gerações que, distantes no tempo, compartilham espaços iguais. Ainda uma vez o aprender sobre o outro aproxima escola e família, mesmo que sugerindo situações diferentes.

O terceiro pilar também tem significações escolar e familiar diferentes. O saber fazer na escola implica a capacidade de contextualizar o que se aprende no mundo em que se vive e se convive, enquanto o aprender a fazer no âmbito familiar é exercitado nas ações da criança, e depois do adolescente, na consolidação de sua ajuda e na sua participação familiar nos planos com que se fortalece a união e se direciona a busca de metas comuns. Afinal, a felicidade familiar é uma lenta e progressiva construção que a proximidade consolida.

É apenas no quarto pilar, entretanto, que escola e família – sempre muito próximas nos anteriores – verdadeiramente se identificam, pois quem aprende a aprender aprende a conhecer e quem alcança essa meta é capaz de bem se relacionar e transformar pensamentos em ações, distanciando o consumismo do "ter" da essência plena de "ser".

Ser mais, ser melhor; enfim, "ser" humano, com a plenitude irrestrita que a ambiguidade dessa palavra abriga.

---

* Celso Antunes é mestre em Ciências Humanas, especialista em Inteligência e Cognição e sócio-fundador do Movimento "Todos pela Educação". Consultor em Educação da Fundação Roberto Marinho (Canal Futura). Vice-reitor da Uni Sant'Anna de São Paulo. Autor de cerca de 200 livros sobre temas ligados a Educação e Literatura Infantil, publicados por diversas editoras brasileiras, e alguns traduzidos e também editados em países da América do Sul, América do Norte e Europa.

Século XX

Uma era. Diversas filosofias.

288 páginas

Panorama das filosofias do século XX

Urbano Zilles

O século XX foi uma era complexa, marcada pela pluralidade filosófica. Nesta obra, Urbano Zilles apresenta as principais abordagens do período, posicionando cada autor e ideias em seu contexto histórico-cultural. O panorama traçado por Zilles é o guia definitivo para uma introdução na pluralidade de métodos e perspectivas filosóficas contemporâneas.

PAULUS,
dá gosto de ler!

paulus.com.br
11 3789-4000 | 0800-164011
vendas@paulus.com.br

PAULUS

Reflexão | Por Alexandre Carvalho*

Alimentação saudável = *mais qualidade de vida*

Divulgação

Todo começo de ano é marcado pelas famosas promessas que, na maioria das vezes, não se cumprem. Até aí, nada demais. Contudo, há resoluções que são interessantes de se levar a sério e assumir na própria vida. Não estamos falando aqui de nada que se aproxime da magia ou do inalcançável; ao contrário, se alguma magia estiver envolvida nessa questão é a magia da consciência, do compromisso e da perseverança.

De modo geral, nossas crianças estão expostas a uma quantidade muito grande de estímulos. Desde aquilo que se vê e se ouve, até aquilo que se saboreia. Isso mesmo, até aquilo que se saboreia! Não é raro vermos na TV um profissional da área da saúde (psicólogo ou nutricionista, comumente) assumindo a tarefa de reeducar uma criança quando o assunto é comer. O profissional que assume o comando desses quase *reality shows* passa a conhecer a criança, sua família e o ambiente em que ela está inserida. Dentro de um tempo determinado, o profissional buscará corrigir os maus hábitos da criança-alvo, fazendo com que ela comece a viver sob um novo signo gastronômico. Em alguns programas, semanas ou meses depois, o profissional retorna ao lar da criança que foi supostamente reeducada para verificar se ela se mantém ou não fiel a uma dieta mais saudável.

Quando um programa dessa natureza vai ao ar, muitas realidades podem ser consideradas. Contudo, gostaria de apontar apenas para uma neste momento – na verdade, fazer um questionamento: a criança, de fato, não sabe se alimentar ou seus pais ou responsáveis não souberam educá-la em vista de uma alimentação saudável e de qualidade? Aqui não entra, de forma alguma, moralismos ou busca de culpados, mas uma reflexão que implica, creio, a necessidade de analisar como nos envolvemos com nossas crianças e as conduzimos vida afora. Quando um profissional precisa ensinar, por exemplo, meu próprio filho a alimentar-se bem, será que poderia considerar que fracassei na tarefa de educá-lo?

Em nossos dias, somos marcados pelo ritmo acelerado do relógio. Tudo acontece muito rápido e mal nos tornamos conscientes daquilo que realmente importa. Com relação aos filhos, sem sombra de dúvidas, o bem mais precioso que podemos deixar para eles diz respeito à forma como eles verão a si próprios e, consequentemente, encararão o mundo. Nesse, digamos, pacote, a má alimentação acaba sendo reflexo de algo que pode ser bem maior, como o distanciamento real dos próprios filhos por causa de uma jornada pesada de trabalho, ou porque nos tornamos muito permissivos na tentativa de compensar nossa ausência, pois, além de trabalhar todo o dia, ainda há atividades, como estudar, que ocupam parte da noite.

Se a proposta é começarmos o ano de forma diferente, uma delas pode ser, apesar de todos os reveses, sugerir a todos da casa, e não somente às crianças, uma alimentação mais saudável, ou seja, comida de verdade. Refeições simples, que privilegiem os legumes, as verduras, os sucos naturais, menos açúcar e menos sal; refeições que adotem menos produtos processados, industrializados. Se todos da casa, aos poucos, entrarem nesse ritmo com consciência, compromisso e perseverança, tecerão novos hábitos que, certamente, as crianças assumirão. Alimentação mais saudável = mais qualidade de vida. Pense nisso!

* Alexandre Carvalho é coordenador do editorial infanto-juvenil da PAULUS. E-mail: infantojuvenil@paulus.com.br

Crônica de saudades

Divulgação

Ultimamente, tenho pensado muito em vocês. Quando vejo as crianças no pátio da escola, me lembro daqueles dias – tão distantes no tempo e no espaço – quando me vi no meio das outras crianças, confuso, perdido, com medo.

Lá fora, pelo portão, você me olhava ansiosa, esperando que eu me acalmasse. Era o primeiro dia de aula. Na verdade, o primeiro dia fora de casa, num lugar estranho, porque naquele tempo a gente entrava direto no primeiro ano.

Depois, a sala de aula, os professores, os corredores, tão longos para nossas perninhas curtas e tão altos para nós, os baixinhos.

Mas recordo também o cheiro gostoso dos primeiros livros, que prometiam um mundo de novidades e surpresas agradáveis. A malinha de couro, a caixa de lápis de cor, a caneta-tinteiro, o mata-borrão, os cadernos.

A primeira visita à biblioteca foi um acontecimento na minha vida. Ah! Nunca tinha visto tantos livros reunidos num só lugar. Meus olhos pulavam de um para outro, minha vontade era sentar no chão e começar a ler sem parar. Queria saber o que tinha dentro deles, queria saber quem escrevia aquelas histórias e fazia aqueles desenhos coloridos...

Em casa, à noite, passei um tempão contando tudo para você, lembra, pai? Você me escutava e nos seus olhos azuis havia alegria pela minha felicidade, brilhava a esperança de que eu pudesse gostar de estudar e fosse alguém na vida. Acho que você olhava para mim, mas vislumbrava o futuro. Por isso, sempre me incentivou, não deixando que as dificuldades da vida me abatessem.

Por isso, tenho pensado muito em vocês.

Como foi importante ter o carinho e o apoio de vocês dois, que tinham pouco estudo, mas tinham algo fundamental: amor.

Lembro-me das horas que passamos juntos, à noite, vocês conversando baixinho ao meu lado, enquanto eu fazia as lições da escola, naquela casa pequena, mas aconchegante. Essa é uma imagem que tenho sempre diante de meus olhos e que eu sei que o tempo não vai apagar nunca. Amor, escola, carinho.

Rostos, vozes, gestos para sempre guardados, numa mistura de gratidão e muita saudade.

* Douglas Tufano é professor de Português, Literatura e História da Arte, formado em Letras e Pedagogia pela Universidade de São Paulo e pós-graduado em História e Filosofia da Educação. É autor de livros didáticos e paradidáticos nas áreas de Língua Portuguesa e Literatura. E-mail: dgtufano@terra.com.br

A história mais cativante da literatura em formatos para todos os gostos!

O Pequeno Príncipe

de *Antoine de Saint-Exupéry*
152 páginas

Capa dura
16,5 cm x 24 cm

Capa flexível
16,5 cm x 24 cm

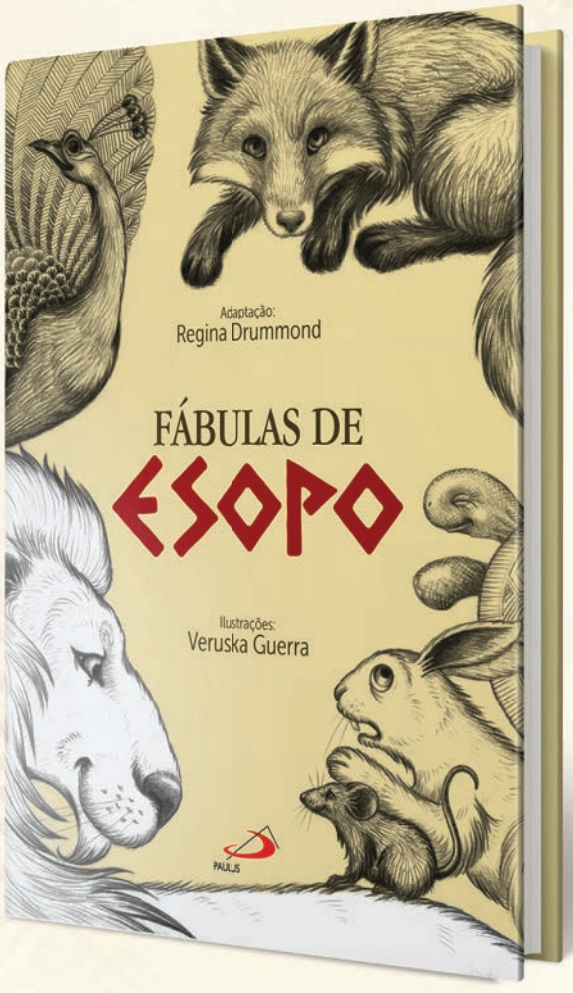
Bolso
12,5 cm x 18 cm

Ebook

PAULUS,
dá gosto de ler!

paulus.com.br
11 3789-4000 | 0800-164011
vendas@paulus.com.br

PAULUS



96 págs.

ALGUMAS HISTÓRIAS
TORNAM A VIDA FABULOSA...
Elas constroem sonhos

FÁBULAS DE ESOPO

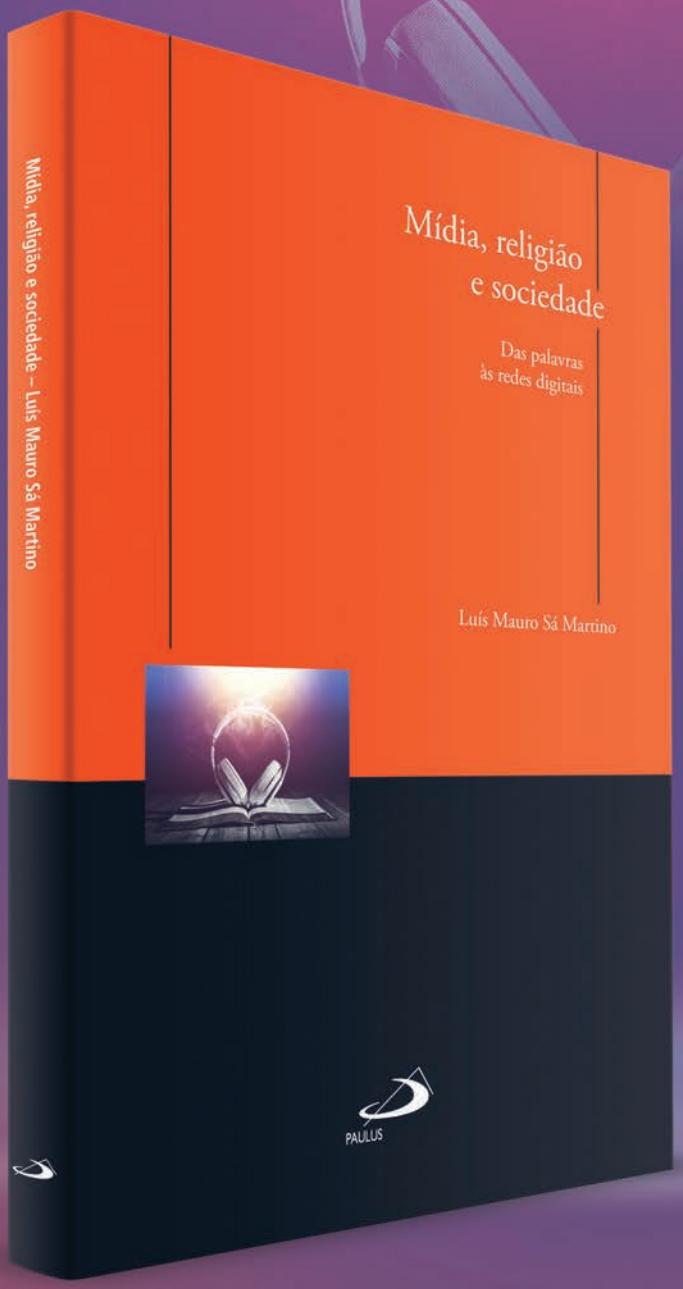
Adaptação de Regina Drummond
Ilustrações de Veruschka Guerra

Esopo foi um escravo muito inteligente, que conquistou sua liberdade e passou o resto da vida viajando por terras distantes, contando as fabulosas histórias que o tornaram famoso. Nos contos deste livro, Esopo apresenta, pela primeira vez, animais como personagens. Viaje com Esopo por essas histórias, conhecidas como fábulas, cheias de sabedoria e encanto!

PAULUS,
dá gosto de ler!

paulus.com.br

PAULUS



208 páginas

MÍDIA, RELIGIÃO E SOCIEDADE

DAS PALAVRAS ÀS REDES DIGITAIS

Luís Mauro Sá Martino

A ligação com as mídias aumentou a visibilidade pública das religiões, colocando indivíduos, comunidades e sociedades diante da necessidade de conviver com a diferença. Dirigido a pesquisadores e estudantes das áreas de Comunicação e Ciências Sociais, *Mídia, religião e sociedade* é um panorama completo e atual dessas relações.

PAULUS,
dá gosto de ler!

paulus.com.br
11 3789-4000 | 0800-164011
vendas@paulus.com.br

PAULUS